

EDIÇÃO 4 - 2021

COLÉGIO POLITÉCNICO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA MARIA

60
Anos

COLÉGIO POLITÉCNICO

Jornal
Temático

DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

**Aprendendo a Transformar
Tempos, Espaços
e Saberes, p. 3.**

Perfil: Wanda Baptista, p. 4.

**Entrevista Especial
Pensamentos e
Vivências, p. 6.**

**Reportagem o
Politécnico e
a Pandemia, p. 10.**

**Marcos Históricos:
Ensino Médio, p.12.**

**Caderno Especial:
O Ensino Médio
na JAI 2021.**

**PALAVRA DA COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA,
TÉCNICA E TECNOLÓGICA DA UFSM.**

Esta edição do “Jornal Temático” comemora os sessenta anos do Colégio Politécnico da UFSM e registra sua importante atuação em um dos períodos históricos mais difíceis para a civilização contemporânea, que foi a pandemia de Covid-19. A entidade se destacou por diversas ações relevantes durante essa fase difícil, desde a oferta de aulas de qualidade no REDE (Regime de Exercícios Domiciliares Especiais) até, de modo mais direto, na produção e distribuição de álcool em gel e participação na vacinação.

O projeto renasce dez anos depois de sua primeira publicação relativa ao quinquenário da instituição, como iniciativa vinculada à nova proposta de Ensino Médio, inaugurada em 2021 no Politécnico, ao encontro da legislação educacional brasileira, sob as indicações da Base Nacional Curricular Comum – BNCC.

Trata-se do resultado de um trabalho feito a muitas mãos: principalmente por estudantes e professores da área de Linguagens e Ciências Humanas do Ensino Médio da instituição, mas também com a colaboração de muitos parceiros no apoio em diferentes passos, como oficinas, palestras, entrevistas, concursos culturais e lives.

A produção do jornal desenvolveu-se predominante no formato remoto, pelo aplicativo Google Meet, através de encontros virtuais nas aulas regulares das áreas mencionadas, mas também no componente curricular do novo currículo “Projetos colaborativos”, a qual tem o objetivo de incentivar os estudantes à iniciação científica. O projeto inclusive foi apresentado na Jornada Acadêmica Integrada da UFSM 2021, com nota integral em suas duas apresentações.

O projeto demonstrou-se relevante na articulação do tripé ensino, pesquisa e extensão. Além disso, tem demonstrado fundamental importância no desenvolvimento integral dos estudantes no estímulo à leitura e à escrita, mas também à autonomia, à criatividade, à responsabilidade e à organização, dentre outros aspectos.

O trabalho com o jornal confirma a relevância do Colégio Politécnico em sua atuação de excelência no ensino, pesquisa e extensão junto à comunidade de Santa Maria e região, mas também em todo Brasil e no mundo. Trata-se de uma instituição que, ao longo dos anos, vem “aprendendo a transformar tempos, espaços e saberes”. As palavras que ilustram a capa vão ao encontro dessa concepção que passará a ser o slogan dos cursos técnicos do Colégio a partir de 2022.

Sentimo-nos muito felizes e gratos(as) por todo o processo de produção do jornal, inclusive pela superação de muitas dificuldades relativas ao trabalho remoto e à condução de um projeto tão amplo e, por isso, agradecemos a cada um(a) que de alguma forma colaborou com essa iniciativa.

Convidamos vocês à leitura e a conhecer e a conviver com o nosso querido Colégio Politécnico da UFSM.

Professores orientadores

Álvaro Mendes de Melo, Cândida Martins Pinto, Cláudia Letícia de Castro do Amaral, Leonardo da Rocha Botega, Lizandro Carlos Calegari, Márcia Lenir Gerhardt e Miriane Costa Fonseca.



Leonardo Lago, Turma 11

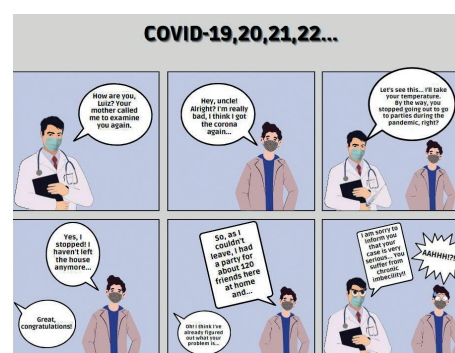
A Universidade Federal de Santa Maria é uma Instituição Federal de Ensino Superior desde 14 de dezembro de 1960, porém a Educação Básica faz-se presente nessa linda UFSM desde 1961. Para muitos, pode parecer estranho essa presença, mas, para a UFSM, tem sido uma história de muito êxito e alegria. A convivência dos diversos níveis, etapas e modalidades de formação somente enriquecem o nosso objetivo maior que é a EDUCAÇÃO.

Nesse contexto, a UFMS comemora neste ano os 60 anos do hoje Colégio Politécnico. Uma “jovem” unidade de ensino marcada pela força e dinamismo em suas ações educacionais. Uma “jovem” que está sempre criando, inovando, aventurando, atendendo a comunidade e formando, com excelência, seus alunos, nas mais diversas áreas do conhecimento.

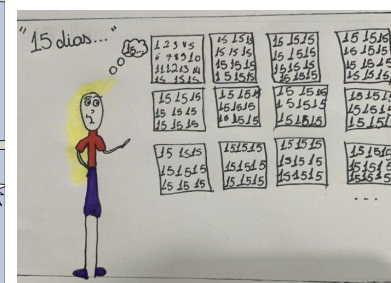
Inicialmente denominada Escola Agrotécnica de Santa Maria, nascia pequena, com diversos obstáculos, mas com uma força de coração enorme que perdura até hoje. Essa pequena semente educacional foi crescendo pelo cuidado e trabalho de grandes agentes públicos. Hoje, possui todos os níveis educacionais, que vão desde os cursos de formação inicial, cursos técnicos profissionalizantes, ensino médio, cursos de graduação e programas de pós-graduação.

Fico feliz pela história construída nesses 60 anos do Colégio Politécnico da UFSM. Os seus servidores e seus milhares de cidadãos/profissionais formados nessa instituição levam consigo o carinho e o orgulho em dizer que fez ou faz parte dessa unidade. Para finalizar, só posso agradecer a todos e todas que construíram essa linda história em prol da educação de nosso país. Parabéns, Escola Agrotécnica de Santa Maria, hoje Colégio Politécnico da UFSM!!! Que venham os próximos anos dessa caminhada de sucesso e felicidades.

Marcelo Freitas da Silva - Coordenador de Educação Básica, Técnica e Tecnológica.



Gabriel Betim - T 21



Sophia Segato - T11

ΕΡΕΥΝΗΤΕΣ

Professores orientadores: Álvaro Mendes de Melo, Cândida Martins Pinto, Cláudia Letícia de Castro do Amaral, Leonardo da Rocha Botega, Lizandro Carlos Calegari, Márcia Lenir Gerhardt e Miriane Costa Fonseca.

Grupo de estudantes responsáveis pela edição: Aline Lima Marques, Andriane Gomes dos Santos, Aron Dobler de Souza, Bibiana Flores Vogel, Brenda Pregardier, Cecília Bellochio Goulart, Jake Portela Cardoso, Júlia Sônego Simon, Larissa Flores Martins, Leon Gonçalves de Jesus, Manoela Freitas Gomes, Mariana da Silva Alves, Maria Augusta Lauthart Mello, Otávio Soares de Souza e Sophia Lavall Segatto.

Diagramação: Aline Lima Marques e Larissa Flores Martins (colaboração inicial) e Lúcio Cintra (designer gráfico).

Revisão: Cláudia Letícia de Castro do Amaral e Miriane Fonseca

Impressão: Gráfica Multipress

Tiragem: 500 exemplares

Encarte: 200 exemplares

O Jornal Politécnico 60 anos é um jornal temático com distribuição gratuita e tiragem limitada. Comentários podem ser enviados via e-mail para projetojornalpoli@politecnico.ufsm.br

O Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria localiza-se no Campus Universitário – Avenida Roraima – Prédio 70 – Bairro Camobi – Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Diretora: Marta Von Ende. Vice-diretor: Moacir Bolzan

TEMPOS, ESPAÇOS & SABERES

A partir de 2022, os cursos técnicos do Colégio Politécnico da UFSM passam a adotar o slogan acima. No texto a seguir, o professor Moacir Bolzan, vice-diretor da instituição, apresenta os fundamentos dessa escolha.

Fundamentos:

A ideia do APRENDER é concebida a partir dos quatro pilares da educação traçados pela ONU para o século XXI: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. Segundo esta visão de educação, há o protagonismo do estudante na busca por uma formação para além do preparo para o trabalho, mas para a vida.

Portanto, esse novo paradigma enfatiza a aprendizagem, com uma visão de totalidade, de conexões e de interdisciplinaridade.

A ideia de TRANSFORMAR fortalece a concepção de educação integral e a ressignificação dos territórios educativos para além dos conhecimentos formais, oportunizando-se, no trabalho pedagógico, a investigação, a reflexão e a construção de valores e de culturas inerentes ao processo de aprender. Defende-se uma educação completa para o sujeito, respeitando as suas individualidades; no entanto, deve ocorrer de acordo com os princípios da centralidade do estudante, da aprendizagem permanente e sob a perspectiva da inclusão.

Assim, transformar é inserir-se como sujeito numa ação de mudança da realidade.

A concepção de TRANSFORMAR em diferentes TEMPOS remete a uma compreensão inclusiva da construção humana desde o início da nossa trajetória como pessoas. Percebemos desde o ínfimo tempo em que vivemos (passado) e as perspectivas do que temos, ainda, a fazer (futuro). Não há tempo mais ou menos importante. No percurso de nossas vidas, o tempo mais precioso é o que estamos vivenciando (presente), independentemente da cronologia observada pelo outro.

A versão de TRANSFORMAR OS ESPAÇOS ressignifica a nossa relação com o meio em que nos inserimos. Para uns é o espaço regado pelo Estado, para outros, o que vem do olhar do meio ambiente e, ainda, para outros, o simples lugar que ocupamos, fisicamente. Todos eles conectados conforme a capacidade de interpretá-los, podendo-se construir cidadanias únicas e/ou múltiplas. Nesse sentido, diferentemente da modernidade, o mundo contemporâneo reservou para a cidadania um novo conteúdo para além dos direitos: os deveres, e uma nova dimensão que ultrapassa o local e o nacional e, chega ao global.

A ideia de TRANSFORMAR SABERES contempla a possibilidade de ir além do domínio da informação (sempre em mudança) e do conhecimento (nunca é absoluto) que se colocam como afirmações na era da comunicação. Transformar saberes (são permanentes e com eles sabemos o que fazer com qualquer conhecimento) nos impõe uma perspectiva das soluções coletivas de pensar o caminho que desejamos para o todo da sociedade.

Professor Moacir Bolzan

Os argumentos que justificam o slogan se fundamentam nas seguintes leituras:

Resolução 03/2018 CNE – Diretrizes do Novo Ensino Médio;

Resolução 01/2021 MEC – Diretrizes da EPT

Texto Base da BNCC – etapa do Ensino Médio

UNESCO: Os quatro pilares da educação.

ROSSATO, Ricardo. Século XXI: saberes em construção. Passo Fundo: UPF, 2002.

LINHA DO TEMPO COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM

Por Aline Lima Marques, sob orientação de Miriane Fonseca.

Nos 60 anos de história do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, há muitos registros a comemorar e, para relembrarmos um pouco de importantes momentos, apresentamos um infográfico com as datas mais significativas desde a criação até os tempos atuais.

1961 Criação da escola Agro Técnica de Santa Maria e criação do curso de Técnico Agrícola – Decreto Lei Federal nº 3864 de 24/01/1961

Colégio passa a se denominar Colégio Agrícola de Santa Maria – Decreto Lei n. 62178 de 25/01/1968. **1968**

1996 Início da expansão e diversificação de cursos – criação dos cursos Técnicos Agrícola e Processamento de Dados – pós - médios.

Criação do Curso Técnico em Administração, Agroindústria e Informática em 1999; em 2002, foi criado o curso Técnico em Geomática. **1999
2002**

**2003
2009** Em 2003, ingressou a primeira turma de Ensino Médio na modalidade atual e foi criado o curso de Técnico em Jardinagem; em 2007 foi criado o PROEJA. Em 2008, foram criados os Cursos Superiores em Geoprocessamento e Gestão de Cooperativas e o Curso Técnico em Paisagismo e, em 2009, foi criado o Curso Superior de Sistemas para Internet.

Foi criado, em 2010, o Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Agricultura de Precisão e Cursos Técnicos em Meio Ambiente e Contabilidade. Em 2013, o Curso Técnico em Secretariado foi implantado. Em 2014, foram criados os Cursos Técnicos em Cooperativismo, Manutenção e Suporte em Informática e Fruticultura, na modalidade EAD, além do Técnico em Alimentos. **2010
2014**

**2015
2017** Em 2015, criação dos Cursos Técnicos em Farmácia e em 2016 a aprovação da transferência do Curso Superior em Gestão Ambiental, proveniente da Unidade Descentralizada de Silveira Martins; foram criados dos Cursos Técnicos em Zootecnia e Cuidados de Idosos; já em 2017, foram criados os Cursos Técnicos em Agricultura e Enfermagem e a Especialização em Geomática.

2020, criação do Curso Técnico em Agricultura de Precisão; em 2021, foi criado o PROEJA em parceria com o IEE Olavo Bilac. **2020
2021**

WANDA BAPTISTA

Por Maria Augusta Lauthart (aluna),
sob orientação de Cláudia do Amaral
e Miriane Fonseca.

Wanda da Silva Baptista nasceu em Santa Maria, no dia 03 de abril de 1943. Teve uma infância muito feliz; nas férias, ia para a fazenda da avó em Bossoroca (Missões), onde teve os primeiros contatos com os animais e com o campo, o que mantém até hoje. Mãe de três filhos: Walesca, Andréa e Rodrigo. Walesca, hoje com 51 anos, companheira e parceira de sempre; Rodrigo, o braço direito, principalmente nesses tempos de pandemia, faz tudo relativo à rua, extremamente cuidadoso; Andréa reside em Santa Catarina, deu-lhe dois netos: Juliana, que a tornou bisavó de duas crianças, e Erick que cursa Arquitetura e Urbanismo. Wanda é graduada em Comunicação pela UFSM. É uma mulher forte, encantadora, determinada, guerreira, alegre, jovem com muitas histórias e experiências a compartilhar. Conheça um pouco da história da primeira estudante mulher do Colégio Politécnico.

Conte um pouco sobre seu contexto familiar.

As minhas duas avós (materna e paterna) têm histórias incríveis como mulheres fortes, decididas; quando queriam fazer ou resolver alguma coisa, faziam. Acredito que eu seja assim. Meus dois irmãos nunca criaram problemas; formaram-se. Um já é falecido, ficaram os filhos; outro mora em Santa Maria.

Meu avô teve catorze filhos; minha mãe era a mais moça e muito bonita. Ele dizia que todas as filhas tinham que se formar, para que não precisassem cozinhar e cuidar da casa. Todas se formaram. Quando minha mãe estava noiva (do filho de um dos compadres do meu avô), conseguiu o primeiro emprego e teve que mudar para Bossoroca, que, na época, era uma vila, hoje, uma cidadezinha pequena. O lugar não tinha quase nada de recursos. Convidaram-na para ir a um casamento de duas irmãs (irmãs de meu pai) o qual se realizaria na fazenda de minha avó. Ao chegar ao local, conheceu o meu pai; apaixonaram-se. Contou para minha avó; meu avô saiu de Santa Maria para Bossoroca e “botou o meu pai na parede”; se quisesse ficar com a minha mãe, tinha que casar. Meu pai disse “eu caso”. Minha mãe veio para Santa Maria, rompeu o noivado, voltou para Bossoroca, ficou noiva do meu pai. Casaram-se.

A minha mãe era professora; passou-nos os valores morais. Meu pai, embora tivesse estudado somente até o quinto ano primário (ia para a escola no lombo dos cavalos da fazenda); adorava a leitura de livros e jornais; ficou até o final da vida, aos 82 anos, com essa prática. Discutia sobre qualquer assunto.

As histórias das mulheres da minha família, que não aguentavam desaforo, me formaram, me deram suporte para as coisas que eu gostava de fazer e a para mulher que eu me tornei, com a coragem - que acho que recebi dos dois lados.

Eu tenho descendência indígena; meu tataravô era indígena; minha tataravó (do lado da minha mãe) veio da África como escrava negra e, da relação com o índio, teve a minha bisavó. Aquela história bem conhecida: mulata com portugueses; nasceu meu avô e que tinha toda relação com plantas e ervas herdada dos índios e da minha bisavó que era parteira. Meu avô (naquele tempo não tinha faculdade) era farmacêutico pela prática, entendia muito de plantas; criou a primeira farmácia medicinal em Santa Maria, localizada na Floriano Peixoto. Veio de Pernambuco. Quando chegou ao RS, resolveu atravessar a fronteira; passou Jaguarão, entrou no Uruguai; conheceu minha avó, que não tinha 14 anos, e quis casar. O pai dela, estanceiro, não permitiu. Meu avô tinha uma pele meio amarelada, não era branco nem negro, e pobre, “pé rapado” como diziam; não teve dúvida, “roubou” minha avó com 13 anos, colocou no lombo do cavalo, atravessaram a fronteira e vieram parar em Santiago. Casaram e vieram para Santa Maria. Viveram até os 80 anos; foram felizes durante quase setenta anos. Minha avó paterna era filha de estanceiro da zona das Missões. Casou-se com quem não tinha bens. Minha bisavó não queria o casamento. Quando ganhou de dote uma fazenda, veio, como dama de companhia, uma escrava de 14 anos. Foram morar na fazenda. O avô, homem bonito, conquistador, acabou se envolvendo com a escrava e tiveram filhos, histórias tristes. Quando minha avó descobriu a terceira gravidez, mandou-o embora.

Assim, dá para entender o espírito da minha vó, de não ter medo de convenções. Tocou o marido de casa e disse que queria criar a criança, João de Deus, e o criou até o final da vida, o apelido dele era negro, irmão de criação do meu pai.

Qual foi a motivação para estudar no Colégio Politécnico da UFSM, então Colégio Agrícola de Santa Maria?

Eu prometi falar a verdade. Fiz o primeiro científico no “Maneco”; reprovei em matemática, física, química e biologia. Repeti o ano e reprovei em matemática, física e biologia. Pensando na continuidade dos estudos no científico, tinha a opção do Colégio Santana e do Coração de Maria, mas não gostava das religiosas; o Olavo Bilac oferecia o Normal (formação para atuar como professora) e eu não queria ser professora.

No centro de Santa Maria, encontrei um colega que estava acompanhado de um amigo que disse estar abrindo um novo curso na cidade e que teria ônibus para ir até lá. Acabei indo estudar ao lado de sessenta e seis homens; somente eu de mulher.

Tenho que contar um episódio de deslocamento até o campus. Quando, na parada de ônibus, vi aquele monte de rapazes esperando, me deu uma vontade de desistir. Não tinha lugar no ônibus para ir sentada; fiquei na calçada. O motorista mandou um dos guris levantar e dar lugar. Ninguém queria levantar, mas ele disse: “bom, saia daqui quando tu aí, ó, der o lugar prá moça!”.

Ia de salto para a aula, o que inviabilizava participar das aulas práticas. Meu pai comprou uma bota chamada sete léguas para eu poder participar das aulas, mas não deu certo, porque a bota era muito pesada para eu caminhar; era um pantanal terrível, muito barro, barro e mato.



Formatura de Wanda Batista.

Como foi ser a única mulher a estudar numa turma de 66 homens? (experiências boas e ruins)

Vou contar duas experiências. A primeira, triste; atribuí a situação à cerveja que tinham tomado. Não vou citar nomes, nem detalhar o que aconteceu, mas posso dizer que sessenta e três eram muito especiais; no mais, tínhamos que continuar convivendo, ocupando a mesma sala de aula; não vale a pena destruir anos de intensa convivência.

A segunda, muito feliz. Era quase meia-noite de uma bonita noite com uma lua linda. Comecei a ouvir muitas vozes, muitos passos. Começaram a cantar. Abri a janela era o Rogério que cantava uma música italiana, que eu gostava muito; o Sarico que tocava violão e mais uns doze colegas na frente da minha casa fazendo a serenata mais linda que alguém podia imaginar; um monte de guris ali e o meu pai só disse assim: “esses guri não tem o que fazer de noite”, mas minha mãe achou lindo e queria abrir a porta. Isso me marcou muito, muito, muito. Ainda tenho contato com muitos deles.

Havia pretendentes? Você namorou algum colega?

Eu namorei o Eurico; foi um namoro bacana que durou uns seis meses. Apaixonei-me muito por outro colega, muito mesmo, mas ele tinha ideias revolucionárias para a época; quis ser guerrilheiro e foi pra Nicarágua. Muito tempo depois, voltou ao Brasil, andou pelo Brasil. Foi para Cuba, voltou novamente para o Brasil. Foi uma das pesso-



as que a ditadura matou e não entregou o corpo. Luís Renato Pires Almeida, de São Sepé. Vivências daquele tempo tormentoso. Mas independente disso, namoro foi com o Eurico, uns namorinhos meio bobos com um e com outro, mas minha paixão mesmo foi o Luís Renato.

A senhora poderia mencionar algumas situações, eventos ou fatos marcantes (bons ou ruins) que aconteceram durante sua passagem pelo colégio?

O ano era 1964, tínhamos recém-montado uma biblioteca na escola. Meus pais eram do Partido Libertador e, apesar de extrema direita, deram-me livros considerados subversivos como uma coleção dos grandes pensadores que levei para biblioteca do Colégio.

Chegamos à aula uma manhã e tinha lá vários militares. Chegaram à biblioteca e, com as baionetas, foram jogando todos os livros no chão para verificar se não tinha nada dentro. Pisotearam com os coturnos. Vocês não imaginam a dor que sentimos ao ver aquilo ali; não iam encontrar nada, não tinha nada, estávamos montando a biblioteca, na maior inocência. Mas o regime foi duro conosco. Depois disso, montamos, de novo, a biblioteca.

Houve outro episódio. Eu e três colegas chegamos do campo e ficamos conversando em frente à Reitoria, o que não podia. Dois parados conversando era considerado subversivo e estávamos em quatro. Parou uma caminhonete do quartel que tinha uma tela na traseira, tipo um camburão; pediram nossos documentos, meu e de dois colegas, pois um recém tinha saído. Exigiram nossos documentos e explicamos que não tínhamos, porque estávamos retornado da aula e para quê iríamos levar documento para passar o dia inteiro no campus? Puseram-nos no camburão. Não sei o nome do lugar onde fomos parar, acredito que na Divisão de Exército, no QG, para sermos interrogados. Os guris estavam apavorados; eu, nem tanto; sempre fui meio “peituda”, não podia engolir aquele tipo de coisa. Embora meus pais fossem do Partido Libertador, eu não era; há muito tempo simpatizava com a esquerda. E, antes que começássemos a ser interrogados, pedi para telefonar para um coronel que era amigo da minha família; expliquei o que estava acontecendo; ele nos tirou de lá.

Prometemos que nunca iríamos falar sobre esse episódio, porque não queríamos que nossos pais soubessem, que ninguém soubesse. Foi uma vergonha muito grande.

Nunca comentamos isso. Nem eu, nem eles que hoje estão lá em cima. Não vou dizer o nome dos dois, guris incríveis. Passamos por este desconforto. É uma vergonha, não fizemos nada de mal, estávamos parados na esquina conversando, bobocas de vinte anos, mas nos marcou muito.



Wanda na UFSM.

Esses fatos mudaram de alguma forma a sua vida, a sua maneira de pensar?

Mudar eu acredito que não, mas me tornei mais forte, com vontade de lutar contra as injustiças. Para termos uma democracia não deveríamos estar passando pelas coisas que estamos passando. Me revolta ver o povo na rua, passando fome, miséria. Tanta gente, tantos índios, tanta criança pedindo. Poderia ter jeito com educação, assistência e saúde. Meu Deus!

Qual foi sua atuação profissional durante sua trajetória?

Eu queria fazer agronomia, mas meu ex-marido dizia que agronomia e veterinária eu não deveria fazer, porque eu iria encontrar todos aqueles guris, os sessenta e seis homens do agrícola e eu não poderia fazer. Decidi fazer educação física, mas, na hora dos testes, senti umas dores na barriga e descobri que eu estava grávida; tive que desistir.

Fiquei bastante envolvida com o nascimento da Walesca por causa da Síndrome de Down. Depois de um tempo, resolvi fazer vestibular e não falei nada. Foi bem difícil a volta ao estudo (...); estudava em casa no tempo que podia. No dia da inscrição, pensei “que curso vou fazer?”, algum que não tenha matemática. Sempre gostei de escrever; fazíamos competições de escrita; no “Maneco”(Colégio), competiam comigo as melhores redações João Gilberto Lucas Coelho (que se tornou político – deputado e senador) e Valter Bianchini (que foi vice-reitor da UFSM) e, na Escola Agrotécnica (hoje, Politécnico), o Tarso Genro e o Rogerio Lobato. Sempre fui boa para escrever; decidi fazer publicidade. Inscrevi-me. No dia do resultado, “ai, meu Deus do céu” (...), quando deu meu nome, as crianças e até o cachorro pulavam! Foi um curso maravilhoso, mas tinha matemática.

A sua trajetória para inclusão da sua filha na escola foi um processo desafiador? A Senhora e os outros pais com filhos com Síndrome de Down têm muito ainda avançar?

Minha filha está com cinquenta e um anos e ainda passo por determinadas situações de eu chegar ao consultório médico e ter que “ensinar” para médicos e enfermeiros; o que sabem, muitas vezes, é superficial. Não sou só eu que passo por essas situações; todas as outras mães e eu nos reunimos e continuamos ensinando.

Minha filha Walesca nasceu prematura, ficou um pouquinho no hospital. Sabíamos que ela era diferente. Falaram para matriculá-la no Centenário para que convivesse com outras crianças e aprendesse coisinhas do dia a dia. Ela tinha ainda outras dificuldades além das que já sabíamos e que fomos ter contato realmente quando ela foi para o maternal, no Colégio Centenário: fazia xixi nas calças, sentava no sofá e não fazia no banheiro; não acompanhava a turma e, um dia, na hora da atividade de recortar, sugeriram colocá-la na Escola Especial Francisco Lisboa. E daí em diante, foi sempre uma maratona pelas instituições na cidade.



Wanda e familiares no casamento da neta Juliana.

Você gostaria de deixar alguma mensagem?

Não importa qual obstáculo que se tenha, precisamos batalhar, batalhar... ir atrás do que queremos; não desistir nunca; aproveitar muito todos os momentos. Essa é a bagagem que se leva para a vida inteira. Sei que há momentos difíceis na vida de todo mundo, principalmente mulheres que têm filhos pequenos; é difícil sim, mas toquemos em frente; o mundo não aceita gente que não tem coragem, que não batalha pelas coisas, lutar sempre e muito. A vida é tão curtinha, feita de experiências; a felicidade, de momentos. Desistir, nunca!

Como a senhora vê o crescimento da UFSM nesse tempo?

É incrível o crescimento da UFSM; quando a instituição iniciou, havia um prédio e muito campo, muito mato. Hoje, muitos prédios; os cursos são referências, estão entre os melhores. Acho incrível, maravilhosa a potência que é o nosso Colégio Politécnico e a nossa UFSM. Hoje, sinto muito que as verbas estão cada vez mais escassas. Isso dói muito.



PENSAMENTOS & VIVÊNCIAS

Com os professores Marta Von Ende e Moacir Bolzan

A matéria a seguir foi fruto da live “Pensamentos e Vivências”, ocorrida no dia 27 de outubro de 2021, como uma ação do projeto Jornal Temático do Ensino Médio em comemoração aos sessenta anos do Politécnico; compartilha parte da conversa prazerosa com os atuais diretores do Colégio Politécnico da UFSM, professores Marta Von Ende e Moacir Bolzan, sobre suas experiências profissionais e sobre a gestão da instituição considerando todas suas complexidades, principalmente neste contexto da pandemia.



O bate-papo foi mediado pelos estudantes do segundo ano do Ensino Médio, Manoela Freitas Gomes e Leon Gonçalves de Jesus, sob orientação das Professoras Cláudia do Amaral e Miriane Fonseca. Para assistir à live na íntegra, escaneie o Qr Code ao final da matéria.

A fim de iniciarmos nossa conversa, gostaríamos que vocês se apresentassem e falassem um pouco sobre as trajetórias pessoais e profissionais relativas à

escolha profissional e à motivação para assumirem a direção do Politécnico.

Eu sou a Marta Von Ende, casada com o Ademir, mãe do Antônio e da Angelina. A minha formação foi realizada, predominantemente, nesta universidade, a Universidade Federal de Santa Maria; fiz graduação em administração, especialização em estatística e modelagem quantitativa e doutorado também na UFSM. Na UFRGS, cursei mestrado em administração. Meu interesse pela docência veio muito de bases familiares e de inspirações que eu tive na vida e na trajetória como estudante. A minha mãe é professora e a questão da educação sempre esteve muito presente no nosso contexto familiar, da importância da formação permanente, da busca pela formação e do papel transformador da educação na nossa trajetória pessoal e profissional. E muito inspirada a partir desse contexto familiar, me lancei na jornada da docência bem jovem ainda; recém graduada, com 22 anos, fiz a minha primeira incursão com a experiência na UFSM como professora substituta; depois, tive outras experiências em instituições privadas e tenho uma trajetória de 19 anos na docência. Meu ingresso no Colégio Politécnico foi há aproximadamente 12 anos, quando prestei um concurso público, em um momento bastante particular e especial da instituição que foi quando se abriu a possibilidade de cursos de graduação em uma escola técnica vinculada como o Politécnico. Foi uma experiência bastante enriquecedora.

A motivação para assumir juntamente com o professor Moacir Bolzan a direção do Colégio Politécnico foi muito em função da crença no papel transformador da educação. Acreditamos muito nisso. E o Politécnico tem na sua cultura e no seu quadro de servidores muito viva a preocupação com a questão de oferecer uma educação de qualidade e uma educação integral para o estudante; uma vez egresso, que ele contribua efetivamente na sociedade. E o aceite do professor Moacir Bolzan foi fundamental na perspectiva dessa tomada de decisão.

Sou Moacir Bolzan, filho de imigrantes italianos, meus pais são naturais de Silveira Martins e, em determinado momento da vida deles, precisaram fazer uma imigração para Santa Maria. Logo que eles se estabeleceram, teve um projeto de fundação da UFSM. Então, nesse entremeio, eu nasci no campus.

Sou casado, tenho duas filhas, uma é professora, a outra, enfermeira; tenho quatro netos, me sinto feliz. Eles são o meu estímulo hoje, a minha razão; minha família é fundamental.

Estudei em escola pública e tive bons professores; comecei minha formação inicial de estudante em busca de uma identidade profissional. Meu pai era pedreiro, trabalhava em obras, e eu o acompanhava, mas achava um trabalho muito difícil. Eu buscava uma identidade nas pessoas com as quais convivia e encontrei nos meus professores essa identidade. Eu buscava uma atividade que me proporcionasse, além da organização que eu sempre tive, uma formação que buscasse o diálogo e algo que passasse alegria, e eu vi isso nos professores. Aí eu fui fazer um curso técnico, no turno

da noite, na EEEM Maria Rocha e fiz um pouco na EEEB Olavo Bilac. Cursei formação técnica na EEEM Cilon Rosa e fiz o segundo grau na EE Maria Rocha, e lá eu encontrei grandes mestres.

Profissionalmente, excluí o magistério por causa dessa identidade. Fiz estudos em ciências sociais. Cursei licenciatura em história, bacharelado em direito; como trajetória profissional, depois de completar essas formações, ingressei no magistério público municipal. Trabalhei pelo período de dez anos como professor municipal e professor na rede particular no marista Santa Maria; após, fui aprovado no concurso para professor do Colégio Politécnico, em 1989. E também tive experiência de catorze anos em uma parceria com o governo italiano como docente de língua e cultura italiana através de uma associação cultural do RS.

Curvei mestrado na área de história na América Latina na UFSM e doutorado em estudos históricos latino-americanos na Unisinos.

Não imaginava que em algum momento pudesse ser vice-diretor ou ter alguma função de gestão; durante quatro anos, exerci a função de diretor de ensino. Causou-me muita surpresa o convite da professora Marta para ser vice-diretor. Confesso que aceitar o convite em uma época de pandemia é muito difícil. Avaliei muito essa possibilidade. Aceitei o desafio. Sinto-me muito feliz e quero me empenhar para que eu possa exercer com decência e dignidade os compromissos do serviço público, sempre comprometido com aqueles que mais precisam; que eu possa concluir o mandato com muito orgulho.

Marta, nós gostaríamos de saber como está sendo a experiência de ser a primeira diretora mulher do Colégio Politécnico e os desafios de conciliar a vida profissional e familiar.

Tenho a honra, o grande orgulho e a responsabilidade de estar nessa função, ser a primeira mulher diretora do Colégio Politécnico da UFSM. Eu vejo isso como bastante desafiador em função do próprio cargo em si, mas também como algo simbólico nessa trajetória dos 60 anos da instituição. É muito representativo de um movimento que observamos na sociedade como um todo e, de forma muito particular na UFSM, nas questões relativas à inclusão de uma forma geral e as questões de igualdade de gênero. Eu vejo que o contexto é muito favorável também e quando as oportunidades surgem é muito importante que as mulheres ocupem esses espaços, isso também pesou na decisão de assumir a direção porque é uma oportunidade das mulheres ocuparem essas posições de liderança e darem a sua contribuição com muita competência e com a particularidade que é relativa ao gênero feminino. E nós temos buscado praticar essa diversidade na nossa gestão inclusive tendo uma participação bastante equilibrada nas nossas diretorias departamentais contando com 50% homens e 50% mulheres ocupando esses cargos mais estratégicos dentro da gestão do Poli, porque entendemos que essa pluralidade faz a diferença na gestão e nos resultados que se busca.

Em relação aos aspectos para conciliar, sabemos dos desafios, mas compreendemos a importância dos diferentes papéis que assumimos, na família e no trabalho e buscamos atender bem a todos os papéis com muita responsabilidade e com muito compromisso e com muita dedicação. E para que isso aconteça da melhor forma, temos que nos cercar de bons parceiros e sou muito grata e feliz em dizer que tenho grandes parceiros em casa e no trabalho. Então, tendo bons parceiros conseguimos conciliar bem as atividades e levar de uma forma serena, tranquila e sem peso na consciência. Não é fácil, é bastante desafiador, mas eu creio que estamos conseguindo desenvolver da melhor forma.

Nesta bonita trajetória profissional, vocês poderiam mencionar alguma experiência marcante como professores que tenha trazido algum aprendizado para a vida?

O exercício da docência é uma experiência marcante por si só. Trabalhar com a educação e ver realmente a transformação da trajetória das pessoas, do que a educação é capaz de abrir em termos de portas e possibilidades. Então vivenciamos isso diariamente de diversas formas por meio de relato de estudantes, de uma orientação que realizamos, de um encaminhamento e o retorno, então realmente é difícil selecionar um momento marcante nessa trajetória.

Quando ingressei, tinha apenas mestrado e tive a possibilidade de aprofundar os estudos na área de cooperativismo e muito em busca também desse aperfeiçoamento para também conseguir oferecer o processo de ensino-aprendizagem mais afiado para esses estudantes. Eu me abri para estudar as cooperativas; fiz o doutorado na UFSM no programa de pós-graduação em Administração. Na ocasião, participava de um projeto em âmbito nacional chamado “Mais Gestão”, projeto bem amplo, em que várias universidades brasileiras se envolviam para qualificar a gestão das cooperativas de agricultura familiar. Envolvi-me nesse grande projeto e isso me gerou um encantamento não ape-



nas para as atividades docentes com as cooperativas, mas também para as de agricultura familiar. Desenvolvi a tese nessa área e consegui cumprir o objetivo; fui premiada nacionalmente, recebi um prêmio da SOBER - Sociedade Brasileira de Economia Rural. Isso foi um marco, considerando toda essa trajetória, fruto da experiência no Colégio Politécnico, que acabou me conduzindo para essa situação.

Falando do ponto de vista da formação, eu poderia fazer menção a algo que me marcou muito: as cerimônias de formatura. A formatura é sempre algo muito especial, muito emocionante, representa o sucesso individual do estudante e também da instituição. As últimas aconteceram de gabinete para os cursos superiores de graduação e, à noite, solene para os cursos técnicos; foi mais especial pelo contexto.

A formação técnica é mais rápida; os estudantes, agora formados, passaram boa parte da formação, se não inteira, em um sistema remoto. Assistir àquelas pessoas concluindo o curso, muitos professores não conheciam presencialmente os estudantes e, na formatura, isso se revelou. Revelaram-se muito mais do que rostos, mas a capacidade de resiliência, de superação. Essa formatura foi muito especial e marcante, porque creio que não teremos outra de forma remota. Realmente é muito significativo ser um profissional da educação. (Marta)

O magistério, a docência me deu dignidade de viver, me permite dizer que sou realizado como pessoa e como profissional, mesmo quando ouvimos alguém dizer “mas tu só da aula!” nos sentimos diminuídos, mas depois damos a volta por cima; ou quando alguém diz “mas tu ainda prepara a aula?”, mas para aqueles alunos eu nunca dei aula. Só o magistério e a docência te permitem isso. Eu confesso para vocês que eu tenho uma certa reserva com homenagens. O tipo de homenagem que gera uma obediência me revela um lado perverso, agora quando relata uma gratidão, um reconhecimento como o que aconteceu na última formatura online, é emocionante; e choro também. Quero trazer alguns momentos que me trouxeram alegria na minha vida profissional: em 2004, eu recebi uma homenagem da Associação Cultural Italiana do RS pelos serviços que eu prestei como professor no ensino da língua e cultura; em 2014, concluí o doutorado; em 2011, senti que deveria fazer algo a mais, fui estudar GERONTOLOGIA. Como estamos envelhecendo, decidi me qualificar e, no final do curso, tinha o desafio do trabalho de conclusão - eu preciso fazer uma proposta de curso técnico em cuidados de idosos, que hoje é um curso que tem no colégio. O trabalho de conclusão me inspirou para fazer essa proposta. Claro, é um curso construído por várias mãos, mas a ideia inicial surgiu daí; e também, em 2014, uma coisa que me chamou atenção foi que uma turma do Técnico em Administração me escolheu como patrono e paraninfo, as duas coisas. Fez-me refletir muito e pensar muito no que eu precisava melhorar. São coisas que me fizeram bem, permitiram-me que eu avaliasse o meu trabalho, que eu melhorasse. Isso da formatura que a Marta havia falado me marcou muito porque além do sucesso, essas tramas que se formaram foi uma vitória, nós vencemos a pandemia. Esses alunos vieram para cá motivados por uma proposta presencial. Realmente é sucesso e vitória, nossa e dos alunos. (Moacir)

Professor Moacir, o senhor como um dos docentes com maior tempo em atividade de no Colégio Politécnico, pessoalmente, teria algum fato (ou fatos) em especial que julgue fundamental para a transformação do Colégio Politécnico para o atual perfil?

A primeira coisa, quando se fala em trajetória do Politécnico em 60 anos, temos que lembrar a história da UFSM, pois elas se misturam, não tem como separar. O segundo ponto que eu quero declarar com alegria é a visão que os gestores que nos antecederam tiveram sobre o colégio. As viradas que o colégio deu revelaram desses gestores não só a capacidade de fazer uma gestão profissional, mas para além deles; como, em 1996, o colégio abriu a primeira turma de cursos técnicos subsequentes. Tínhamos o curso integrado do ensino médio com a Agropecuária e, a partir daquele ano, abrimos, além das três turmas que entravam junto, concomitante, mais uma turma de Técnico em Agropecuária subsequente; foi aberta uma turma do curso Técnico em Processamento de Dados. Nessa mesma visão, em 2006, o colégio muda de nome, justamente para justificar o curso de Processamento de Dados no Colégio Agrícola.

A instituição já estava pensando em outros cursos de outros eixos, então passa a denominar-se Colégio Politécnico da UFSM. Essa visão fez diferença na comunidade.

Em 2007, aderimos ao REUNI. O colégio teve a oportunidade de agregar a formação técnica de nível superior. Quero dar ênfase não só aos fatos, mas às pessoas que protagonizaram os fatos. As gestões anteriores fizeram a diferença para o colégio e para as pessoas que olham o colégio e se identificam aqui com uma formação profissional. Vejo nesse momento a história do colégio ter novos rumos.

Professora Marta, o crescimento do Colégio é algo notório. Trata-se de uma instituição bastante diversa com uma grande variedade de cursos de áreas e níveis

de ensino diferentes. Considerando essa realidade e a avaliação do Politécnico como um lugar de acolhimento e afeto, como que a instituição tem feito para manter essa característica, proporcionar uma convivência harmônica e propiciar a escuta e o diálogo coletivo?

Existe um grande desafio de manter a unidade na diversidade. Hoje nós temos diversos eixos tecnológicos, quinze cursos distintos; isso gera uma complexidade e, ao mesmo tempo, um crescimento em termos de tamanho e manter essa unidade realmente é um grande desafio. Hoje, temos cento e sessenta servidores docentes e técnico-administrativos e mais de dois mil estudantes. Temos buscado estratégias que outras gestões já faziam e também aprofundado outras como a de proporcionar bastante diálogo, muita escuta e também um aperfeiçoamento dos nossos processos comunicacionais. Já lançamos nossa área de comunicação para algo bastante estratégico na nossa gestão, temos investido muito tempo e muita reunião com a nossa equipe de comunicação para buscar as melhores formas para que a nossa comunicação seja integrada, estratégica e pense muito nessa unidade para que ela seja uma comunicação fluida, efetiva, que valorize as pessoas, o que é produzido e que reverbere para fora. E esse ambiente tem que ser permanentemente alimentado de processos e para que sempre tenhamos esse bom convívio, porque isso é muito positivo. E isso demanda uma visão e uma canalização de estratégias para fortalecer. É com base no diálogo, na escuta com o público interno e externo que vamos conseguindo viabilizar o nosso fazer da melhor forma.

Professor, o perfil dos estudantes do Colégio, a cada ano, vem se modificando e, com isso, os interesses também. O senhor poderia nos falar sobre o processo de transformação no perfil dos estudantes e como atender a perfis tão distintos?

Eu me sinto feliz nessa lida com os jovens, porque eles enxergam coisas que não são comuns, embora a gente já saiba, estamos vendo pelas estatísticas que o Brasil passa por um processo de envelhecimento. Nos dados de hoje, a cada 100 jovens de 0 a 14 anos, temos 67 pessoas de 60 anos, temos 10 pessoas com 80 anos. Daqui a 30 anos, essa realidade de 100 jovens de 0 a 14 anos será de 203 pessoas com 60 anos. Em relação aos de mais de 80 anos, vai aumentar cinco vezes, então é natural esse processo.

Quando cheguei à instituição, 90% dos nossos alunos eram homens, esse quadro foi mudando. Vimos, nas últimas décadas, o perfil feminino tomando conta. Também o século 21 é o período dos idosos; nós, como instituição de ensino, precisamos mudar o perfil. Isso nos obriga a pensar nas estratégias, no futuro de formação. Temos que migrar o nosso olhar na parte da pedagogia para a questão da andragogia; temos várias versões que precisam ser atualizadas e estamos acompanhando.

Nós estamos esperando alunos que venham do mundo do trabalho. O recado do mundo do trabalho não é aquele do jovem dentro da “gavetinha” que terminou o ensino médio e veio aqui conosco. É outra situação. Não é uma realidade única a dos mais velhos, mas é uma realidade que está mudando. Nós temos uma realidade em que temos os jovens, os adultos e também vamos ter os idosos. Então nós temos que trabalhar com essas três perspectivas em que uma não exclui a outra, mas, gradativamente, estamos migrando também de perfil de formação para atender a quem está nos procurando.

Chegando ao contexto da pandemia, Professora Marta, sabemos da grande importância das ações desenvolvidas no Politécnico durante a Pandemia de Covid 19 para a comunidade local, a senhora poderia falar um pouco sobre isso?

Nós temos as ações relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão. No contexto da pandemia, mantivemos a oferta integral das nossas vagas, ainda que pesassem todos os desafios decorrentes dessa decisão; sabemos que a suspensão das atividades acadêmicas presenciais aconteceu e desafios se impuseram, mas que, com muita capacidade e resiliência, nos adaptamos a essa situação, o que nos permitiu manter a integralidade das vagas.

O trabalho permanente com os estudantes que se vincularam ao Colégio Politécnico nesse período pandêmico ou que já estavam vinculados também foi uma estratégia muito importante. Inicialmente, realizamos um trabalho de diagnóstico junto aos estudantes para ver a questão do impacto da pandemia na rotina, na vida deles; como estava sendo a experiência no regime de exercícios domiciliares especiais (REDE) e, a partir dessas informações, ir reconhecendo a situação, o que também nos possibilitou um mapeamento já no primeiro semestre de 2020, quando a situação da suspensão se colocou. Essas estratégias iniciais possibilitaram-nos fazer uma construção junto com a administração central e com as outras unidades da universidade, a resolução que ia regulamentar esse regime de exercícios domiciliares especiais. Isso foi muito importante e foi determinante para marcar as especificidades da educação profissional e da educação básica na UFSM.

A partir disso, vivemos agora um momento de pensar a volta ao ensino presencial



já a partir da retomada prática das atividades; é um trabalho de ensino muito importante e muito relevante para que consigamos a permanência dos estudantes e também do êxito que seria a formatura como tivemos.

Temos projetos também além de ensino, de pesquisa e de extensão. O Politécnico desenvolve um conjunto muito expressivo de projetos; muitos se mantiveram ao longo desse período, e até intensificaram as suas atividades nesse período.

Um projeto que é bastante conhecido na comunidade é a Poli feira do Agricultor, uma feira livre que acontece no espaço do âmbito da universidade. Quando a pandemia se colocou, obrigando a suspensão das atividades presenciais, o projeto teve que ir para fora do espaço da UFSM em função do fechamento do campus e teve que ser totalmente repensado para a nova perspectiva, considerando a situação de pandemia.

Outro projeto muito importante foi a de produção de álcool sanitizante, álcool em gel, uma necessidade muito forte com a questão da pandemia.

Cito ainda os necessários projetos relacionados às mulheres em situação de violência e ações como a campanha de vacinação.

É importante salientar que com todo o envolvimento tanto no ensino, na pesquisa e na extensão o Politécnico conseguiu manter-se fortalecido graças ao trabalho muito articulado de todos os departamentos, das diretorias de administração, de infraestrutura e de ensino.

E mais recentemente a comissão setorial de biossegurança que vem desempenhando um trabalho fundamental, sobretudo para a elaboração do plano de contingência; após um trabalho muito intenso, tivemos nosso plano desenvolvido e aprovado, a fim de garantir as condições de segurança necessárias no período da pandemia. [...]

Eu (Prof. Moacir) gostaria de dizer algumas coisas em relação à pandemia. Duas coisas que a pandemia nos ensinaram: primeira: o professor é o profissional das relações por excelência e no presencial ele é insubstituível. Essa afirmação eu faço com absoluta certeza. E a segunda afirmação é que nós precisamos muito da tecnologia, mais ainda de agora em diante. [...] eu sou realista, e como realista eu faço essas duas afirmações.

Professora Marta, considerando a perspectiva de controle da pandemia no segundo semestre deste ano (2021), com grande parte da população de Santa Maria vacinada, gostaríamos de saber como o Politécnico está lidando com essa possibilidade de retorno presencial e também com as possíveis cautelas, caso seja aprovada a volta escolar. E existe alguma excepcionalidade relativa ao retorno do Ensino Médio, considerando a faixa etária dos estudantes deste curso aliada ao fato de pertencerem à Educação Básica e não ser essencialmente teórico?

Nós somos uma unidade da UFSM, fizemos parte dessa estrutura maior. Todas as instituições educacionais do estado do RS, para retornar às suas atividades presenciais, tiveram que elaborar um plano de contingência; esse plano deve trazer informações gerais sobre toda a instituição, todas as informações estruturantes, definindo os limites desse retorno e também todos os procedimentos a serem adotados com relação às questões de biossegurança.

O Politécnico desenvolveu um plano de contingência que foi aprovado; todas as unidades da universidade estão desenvolvendo o seu. Existe um comitê que analisa esses planos e depois de aprovado internamente na UF, vai para conhecimento do centro de operações de emergência regional que é um órgão do estado externo à universidade. Aprovado no âmbito da universidade, a unidade tem a possibilidade de realizar o retorno das atividades práticas presencialmente. Como temos o plano de contingência aprovado, a possibilidade de retorno se amplia para outros cursos; todos os cursos do Colégio Politécnico podem fazer práticas presenciais.

E a pergunta que fica é: e a parte teórica? Concordamos com a especificidade da faixa etária do ensino médio. A questão do isolamento prolongado. O que isso causa para o jovem nessa faixa etária? Sabemos de toda a especificidade da educação básica que a UFSM também trabalha. Como o Politécnico tem agora o seu plano de contingência aprovado, encaminhamos um documento para o setor de operações de emergência solicitando o retorno às atividades presenciais independentemente das práticas. [...]

Conseguimos vencer muitas etapas e estamos cada vez mais próximos de resolver outras questões que desejamos muito, mas precisamos enquanto uma unidade da universidade, seguir as orientações que regulamentam as ações no âmbito da UFSM.

Professores Marta e Moacir, sabemos que ser gestor de uma instituição como o Politécnico não é fácil, há mudanças e afazeres de grande importância. Compartilhem conosco as metas e objetivos que vocês têm em mente e também as que vocês consideram já concluídas.

Nós partimos do momento de elaboração de uma proposta de trabalho que está

consolidada e estruturada em cinco eixos: a gestão pedagógica, a gestão administrativa (eficiente em diferentes processos), a gestão de pessoas, a infraestrutura e a comunicação. Como instituição de ensino formadora, recebemos estudantes de diferentes faixas etárias que buscam diferentes níveis de formação e como saem do Politécnico é o que nos move; após concluírem, saem cidadãos, seres humanos diferenciados, preparados para o exercício da cidadania e da profissão. O tempo inteiro nosso foco é esse.

A experiência transformadora repercute em uma concepção de ser humano e cidadão profissional. (Moacir)

Nós estamos no início da gestão, podemos dizer que são sete meses; temos um plano de gestão que orienta o processo que é o planejamento do que almejamos, mas é óbvio que é aberto e em permanente diálogo e construção junto com a comunidade do Colégio Politécnico, que envolve todos (servidores e estudantes).

Esse olhar externo, dentro das dimensões que o professor Moacir fez referência, que consta a questão da infraestrutura, a questão da proposta pedagógica e o papel da comunicação, conseguimos avançar e fazer alguns encaminhamentos nesses meses e também o fechamentos de questões que já vinham sendo trabalhadas na gestão anterior. É um processo de continuidade de uma histórica gestão de muita competência que é o alicerce para que possamos conduzir o trabalho e fazer novas projeções de desenvolvimento para o Politécnico.

Gostaria de fazer referência à grande conquista institucional - mérito de um trabalho realizado de forma muito significativa pela equipe de professores do Ensino Médio juntamente com o Departamento de Ensino - a elaboração da proposta do novo ensino médio; os estudantes do primeiro ano já estão com o projeto em curso. Foi uma construção muito séria, muito responsável, fruto de muita discussão na busca de ofertar a melhor formação respeitando a nova legislação. Foi um trabalho de muito tempo, de longos meses. Considero uma conquista, pois, apesar de não ser desenvolvido na nossa gestão, já que é uma construção que vem de um tempo, nesse ano conseguimos concluir.

A estruturação da comunicação é uma questão que já estamos tentando desenvolver; iniciamos também um trabalho de fortalecimento da cooperativa dos estudantes do Colégio Politécnico. E temos alguns outros importantes desafios como o projeto pedagógico que também deverá ser amplamente discutido com toda a comunidade do Politécnico, promover uma reflexão profunda no próximo ano.

Temos o desafio de promover maior integração entre as áreas e também refletir sobre o papel da extensão que é o elo do Politécnico com a comunidade e como conseguimos trazer essa prática extensionista para a proposta pedagógica.

Então, temos muitos desafios, muitas questões a serem aprofundadas ao longo da gestão; e isso, obviamente, é muito dinâmico, vai dependendo da permanente escuta, de como percebemos como as questões vão se encaminhando e da permanente sintonia com os diferentes públicos interno e externo.

O nosso projeto para o Politécnico é sempre fortalecer os processos de formação dos estudantes. Somos uma instituição educacional; buscamos uma maior integração com as diferentes comunidades e localidades, fazemos pela extensão e também pelo fortalecimento da pesquisa, que a pesquisa venha retroalimentando os processos formativos.

Trabalhar cada vez mais de forma articulada o ensino, a pesquisa e a extensão que é o fazer universitário e que é o que realmente fortalece a formação dos nossos estudantes que é o nosso objetivo hoje. (Marta)



Fotografia do dia da entrevista para a Live.

Abra a câmera do seu celular e aponte para o QR Code para conferir a entrevista na íntegra.





CRÔNICAS

Autodescubrimiento

Aline Lima Marques

Todo parecía tan tranquilo y de repente aparece un “bicho” como lo llama mi abuela y nos estanca los planes. Para muchos no fue fácil, sobre todo para mí que sentía todo el tiempo la ansiedad “¿puede haber covid allí?”, “mejor no correr el riesgo de contagiarse de Covid yendo allí”, o un “esa chica está tosiendo mucho, ¿es covid?”, pero al mismo tiempo, un tiempo en casa nos hizo bien... quizás.

Lo único bueno tal vez sea sentir la brisa del viento chocando contra la ventana, en un caluroso día de clases online el famoso EAD, tan agotador y a veces tan estimulante, un vaivén de emociones que descubrí en este tiempo con covid.

Nunca pensé que quedarse en casa fuera tan tedioso, pero nada mejor que emocionarse hasta el punto de bailar con sólo escuchar cualquier música en mis auriculares como si estuviera en una fiesta real, muchos como yo aprendieron a apreciar su propia compañía, a descubrir nuevos estilos musicales. Otra cosa que hice fue estudiar lo que podía para ocupar mi cabeza, también escribí más, aprendí a poner mis sentimientos en una hoja, y que con una sola mirada pueden surgir mil pensamientos, descubrí que tengo una creatividad envidiable, pero nada se compara con los días divertidos con mi familia recordando momentos del pasado y siempre haciendo nuestras cenas y comidas especiales durante la semana. Al hacer todo eso, pude mantener un poco de equilibrio a pesar del “bicho”.

Tratando de mantener el optimismo

Athos Salbego

Me encuentro de nuevo sentado en la parte trasera del mismo restaurante al que he ido durante años. Pero esta vez hay algo diferente. Las antiguas treinta mesas, que me cansé de analizar la extraña disposición en el salón, son ahora quince. El antiguo bufé se ha convertido en una carta de platos ejecutivos, ya que los clientes no pueden tocar nada que no van a comer (lo que tiene mucho sentido, en realidad). Además, las pocas personas que vienen aquí llevan máscaras de tela poco eficaces, debido a que son más asequibles.

De las muchas cosas que han cambiado, una de las que más me ha sorprendido es la forma en que salir de casa se ha convertido en algo de mucho más valor. Recuerdo la sensación de salir desordenadamente de casa para ir al mercado, al fin y al cabo no iba a ver a nadie y era una acción rutinaria. En comparación, la última vez que fui al mercado recuerdo que me puse unos vaqueros nuevos que nunca había tenido la oportunidad de usar.

Me gusta pensar que dentro de poco tiempo estaremos todos amontonados e irrespetando todas las reglas de distancia que existen hoy en día, tal y como les gusta a los brasileños. A pesar de esto, la situación actual de nuestro país no ha colaborado mucho para que mis pensamientos positivos se hagan realidad.

De vuelta a la mesa, perdido en mis melancólicos pensamientos, veo que el tiempo pasa sin rumbo. De nuevo las pocas personas que frecuentan el establecimiento hacen ruido con sus cubiertos y vasos, junto con un murmullo bajo de conversaciones que chocan sobre los temas más variados. Un momento hablan de política, al siguiente de fútbol, y así sigue el monótono mediodía que pocos aprovechan para descansar de su trabajo. Optimista o no, me levanto de la silla y me dirijo al mostrador para pagar la factura, ya que de deshonesto e injusto ya está el gobierno.

La canción

Jake Portela Cardoso

Bailó torpemente, un pie aquí y otro allá. Sólo sintió y tarareó una más de sus viejas canciones favoritas. Los pasos, los brazos y el pequeño cuerpo se movían al ritmo de la música, algo ligero y sereno.

– “And you can tell everybody this is your song”.

Incluso después de un día ajetreado, incluso después de haber oído hablar tanto de muertes de familiares, artistas y amigos conocidos fallecidos por esa terrible enfermedad, podía entregarse a un buen momento de música.

– “Yours are the sweetest eyes I’ve ever seen”.

Volvió a tararear, mientras escuchaba la hermosa voz de Elton John, uno de sus músicos favoritos, cantando “Your Song”. Se relajó, se entregó a otro día completo. Su blusa ya estaba ligeramente húmeda, mientras respiraba profundamente y cantaba otra estrofa de la canción.

– “I hope you don’t mind that I put down in words. How wonderful life is while you’re in the world”.

Y, mentalmente, agradeció a todos los que se habían ido. Con las manos en el pecho, agradeció estar en esa habitación solo, aislado. Era lo mejor que podía hacer, tanto respecto a los demás como a sí mismo.

FRASES DE LA MÚSICA YOUR SONG:

1º frase: “Y puedes decirle a todo el mundo que esta es tu canción”.

2º frase: “Tus ojos son los más dulces que he visto”.

3º frase: “Espero que no te importe que lo ponga en palabras. Qué maravillosa es la vida mientras estás en el mundo”.

Crônicas produzidas nas aulas de Língua Espanhola do 1º ano do Ensino Médio, sob orientação do professor Álvaro Mendes Melo.

ARTIGO

Educação versus saúde: a história de uma sociedade míope

Bibiana Flôres Vogel

Em seu sentido figurado, “miopia” significa falta de perspicácia, ideias curtas, consoante o dicionário Luft. Em se tratando do retorno às aulas presenciais durante a pandemia da Covid-19, isto é, a partir de 2020, “míope” é a melhor forma de descrever como tratamos um assunto tão delicado. Infelizmente, o Brasil ainda é vítima de mortes e casos significativos dessa doença, sendo recomendável evitar o máximo de contato com outras pessoas. Neste contexto, os brasileiros tendem a ignorar a completa falta de infraestrutura nas escolas, além da ausência de vacinas liberadas para crianças menores de doze anos. É necessário, destarte, que essa situação complexa seja estudada sob as lentes da saúde e da razão.

A maneira mais eficaz de prevenção ao coronavírus é o distanciamento social e, caso o contato seja indispensável, o uso de máscara e álcool para a higienização das mãos é primordial. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), todos os colégios devem dispor de água encanada e esgoto a fim de um retorno seguro dos alunos às instituições. Entretanto, de acordo com a emissora CNN, cerca de 28% das crianças do país estão, lamentavelmente, matriculadas em escolas sem acesso a saneamento básico, tornando-as vulneráveis não só à Covid-19, como também a diversas outras patologias. O risco de contágio é alarmante no momento e, dessa maneira, as aulas a distância devem ser mantidas até atingirmos um período de maior estabilidade.

A vacinação, outrossim, mostrou-se frutífera, com uma radical redução no número de mortes à medida do avanço da campanha de imunização. Contudo, não há vacinas disponíveis para crianças com menos de doze anos, o que destaca essa faixa etária como uma das mais suscetíveis a infecções com sequelas mais críticas. Um estudo dirigido pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) aponta que 44% das mortes devido a Covid-19 em menores de idade ocorreram entre os cinco e dezoito anos, isto é, pessoas que deveriam frequentar obrigatoriamente a escola. Essa condição putrefata vai de encontro ao retorno das aulas presenciais e, desse modo, atesta o intenso risco ainda presente em nosso cotidiano.

A volta às aulas presenciais de forma segura, portanto, é uma utopia. Ainda que seja em detrimento do convívio, é crucial priorizar a saúde e o bem-estar em uma conjuntura tão inquietante e particular daqueles que estarão à frente do Brasil futuramente. Assim, deve-se continuar com as recomendações de reclusão social feitas desde o início de 2020 para manter os jovens em segurança. Somente dessa maneira a nossa sociedade míope poderá sobreviver a essa calamidade pública que vivemos.

Artigo produzido na disciplina de Redação na 2ª série do Ensino Médio, sob orientação do professor Lizando Calegari.



VOCÊ E SEU AMOR no POLITÉCNICO

Por Cláudia do Amaral e Miriane Fonseca.

Na história do Colégio Politécnico, as pessoas sempre foram as protagonistas. O Politécnico foi se constituindo como um ambiente acolhedor propício para encontros. Sabemos que são diversas as histórias de amor que vem ocorrendo por aqui, muitos delas que resultaram em casais e até em famílias. Convidamos vocês para conhecer algumas dessas histórias.



"Nós, Lucimara Naysinger e Mauro Roberto Machado Trevisan, nos conhecemos no Colégio Politécnico da UFSM. Fizemos o ensino médio juntos. Nos tornamos amigos logo no primeiro ano e, conforme o tempo foi passando, ficamos cada vez mais próximos. No início do segundo ano, percebemos que a nossa relação já era mais que apenas uma amizade. O sentimento que tínhamos um pelo outro foi crescendo conforme convivíamos no colégio e fora dele, até que,

quando percebemos, já estávamos namorando, o que demonstra o quão naturalmente nosso relacionamento evoluiu. O ambiente familiar e agradável do Colégio Politécnico, só contribuiu para nossa convivência, tornando cada momento, dos três anos que o frequentamos, inesquecível. Esses três anos passaram rápido, - É como dizem: o que é bom, dura pouco. - e tivemos que nos despedir do nosso querido ambiente colegial, no qual compartilhamos inúmeros bons momentos, para que outros pudessem aproveitar tão boas instituições e equipe de professores e funcionários. A partir daí, nunca mais desgrudamos e o amor que sentimos um pelo outro só aumenta!"



"Meu nome é Aline e gostaria de compartilhar minha história com vocês. Nicolas e eu nos conhecemos em 2008, quando ingressei no primeiro ano do ensino médio do Colégio Politécnico. Ele estava no terceiro ano. E a nossa amizade evoluiu para um namoro. Começamos a namorar no dia 23/07/2008, dia do meu aniversário. E de lá pra cá, já são 13 anos juntos, com muito companheirismo, realizações e sonhos compartilhados. Fizemos faculdade na UFSM, intercâmbio e seguimos com nossas carreiras. Temos um carinho muito grande pelo Colégio, pelos professores e amizades que fizemos lá. O Poli faz parte da nossa história".

Chamamo-nos Bruno Lovatto da Silva e Mônica Michelotti Loureiro Lovatto, nossa história de amor começou dentro do Colégio Politécnico, pois foi ali que nos conhecemos no ano de 2007, por intermédio de amigos, já que nesse ano ainda não éramos colegas, o que veio a ocorrer em 2008. No referido ano, começamos a namorar e nossa convivência passou a ser diária: pelo contato em sala de aula, nos horários de ida e vinda ao colégio, atividades extraclasse, ou, até mesmo, em atividades em outros horários em que fazíamos questão de acompanhar um ao outro.



Dentro do Colégio Politécnico, convivemos por aproximadamente 2 anos e 2 meses, no período compreendido entre 19 de novembro de 2007 e dezembro de 2009. Olhando retrospectivamente, pode parecer pouco tempo, em face de 11 anos de namoro, 2 anos de casamento e 13 anos de companheirismo e união. No entanto, foram nesses primeiros anos, ainda tão novos (Mônica com 15 e Bruno com 16 anos), que tanto nos unimos e fomos conhecendo um ao outro, e, entre muitas diferenças e desavenças, fomos nos aproximando cada vez mais e nos tornando mais parecidos, amigos e apegados um ao outro.

O Colégio Politécnico foi uma marca de valor inestimável em nossas vidas por tudo o que nos ofereceu ao longo do Ensino Médio, nos possibilitando construir uma base forte para edificar nosso futuro profissional. Contudo, no nosso caso, o maior presente nesses anos de colégio foi o início da nossa história que contribuiu e ainda contribui para uma relação de amizade, respeito e companheirismo, possibilitando que sejamos felizes e realizados em todas as esferas de nossas vidas.

Olhando para trás, é tão bonito ver como crescemos juntos; como Deus nos uniu e fez com que cada um, com suas qualidades e defeitos, pudesse participar da vida um do outro, tanto nos momentos bons como ruins. Hoje nossa vida enquanto casal é tão boa que palavras não são aptas a descrever. Entretanto, nem sempre foi assim, seja por dificuldades, imaturidades, mas o amor sempre nos reaproximava.

Diante de tantos anos de convivência, adquirimos tantas afinidades que as diferenças que outrora nos atrapalhava, praticamente desapareceram, e, algumas mantidas foram utilizadas como forma de união. As dificuldades foram resolvidas em conjunto, com auxílio de um ao outro. Para além da dívida de termos sido colegas no ensino médio, nos tornamos colegas de profissão, tendo o prazer de exercermos a Advocacia em conjunto, o que possibilita uma troca de ideias constante e crescimento também em assuntos profissionais. Esse relato é um pouco de nossa história de amor, a qual foi abençoada em 2019 com nosso casamento.

AÇÕES DO COLÉGIO POLITÉCNICO NA PANDEMIA

Por Cecília Bellochio, Jake Portela, Júlia Sônego, Otávio Souza e Sophia Segatto, com orientação da professora Cândida Martins Pinto.

Mesmo com a Pandemia da COVID 19, muitas ações e projetos de pesquisa, ensino e extensão continuaram sendo desenvolvidos e outros tantos foram iniciados no âmbito da Universidade Federal de Santa Maria. As unidades do campus, como o Colégio Politécnico, incentivaram e apoiaram ações e projetos elaborados e lançados por docentes que orientam grupos discentes da instituição no desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa e extensão. Os projetos retratam tópicos de interesse dos autores e são direcionados de diferentes maneiras na sociedade, com intuito de colaborar através do compartilhamento de informações e conhecimentos com a população. Ao ser cadastrado, cada projeto é categorizado como Projeto de Ensino, de Pesquisa ou de Extensão; o Colégio Politécnico totalizou mais de duzentas ações entre 2020 e 2021. Para o professor e diretor do Departamento de Extensão e Pesquisa (DEPE) do Colégio Politécnico, Gustavo Pinto da Silva, os projetos de extensão, pelas especificidades e pelos objetivos – dialogar a comunidade local e regional, tiveram maior visibilidade durante a pandemia, como a PoliFeira do Agricultor, a Floricultura Escola Floresce e o Fórum de Enfrentamento da Violência Contra as Mulheres.



Doações realizadas pelo Sicredi Camobi ao Projeto Zelo. Na foto, aparecem Bruna Schuh Rohrs, com a coordenadora professora Fabiana Stecca ao centro e Keitiane Mazzuco, segurando o gatinho Alemão. Fonte: Instagram do projeto - 2021

Embora o período pandêmico tenha afetado significativamente os projetos por envolverem o contato entre pessoas e necessitarem, portanto, de maiores cuidados quanto

aos protocolos de saúde e higiene, outros conseguiram trabalhar com esses protocolos e tiveram, assim, visibilidade.

A Jornada Integrada da UFSM (JAI), em formato virtual durante a pandemia, possibilitou o compartilhamento dos projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão. O Caderno Especial, encarte desta edição, apresenta na íntegra os projetos desenvolvidos pelos estudantes do Ensino Médio do Colégio Politécnico da UFSM, demonstrando que o incentivo ao espírito científico começa cedo na instituição.

Com o objetivo de apresentar alguns dos projetos desenvolvidos no Politécnico da durante a pandemia, a equipe de reportagem do Jornal Temático: 60 Anos do Colégio Politécnico entrevistou alguns coordenadores de projetos e sistematizou as informações.

POLIFEIRA DO AGRICULTOR UFSM – UM PROJETO QUE DIALOGA COM A COMUNIDADE INTERNA E EXTERNA

A PoliFeira do Agricultor foi criada em 24 de abril de 2017. Primeiramente, era uma feira que aproveitava o fluxo de pessoas dentro da UFSM para vender alimentos comercializados diretamente do produtor rural. Ao longo do tempo, houve transformação do seu sentido original, pois se tornou, além de um local de comercialização de produtos, também um lugar educacional. Estudantes bolsistas envolvem-se com a assistência técnica aos produtores; agricultores aprendem novos manejos com frutas, hortaliças e novos modos de produção de panificados; consumidores aprendem a valorizar o produto local, a venda direta e a consumir um alimento mais saudável. Para o professor Gustavo Pinto, coordenador do projeto, a motivação para realizar uma feira de uma instituição educacional é trazer novos olhares para a produção e comercialização de alimentos ao proporcionar ao consumidor um alimento de boa qualidade, sem aditivos químicos e de sabor único. Além disso, o projeto conseguiu trazer novos sentidos sobre o consumo de alimentos a estudantes de diversos cursos ligados à produção agrícola



como Técnico em Agricultura, Técnico em Alimentos, Superior em Agronomia, bem como outros cursos como Administração, Direito, Terapia Ocupacional, e, inclusive, desenvolvimento de pesquisas de Conclusão de Curso e de Mestrado, segundo o professor Gustavo. A missão de quem trabalha é mostrar que é possível possuir alimentos de



PoliFeira do Agricultor UFSM – um projeto que dialoga com a comunidade interna e externa.

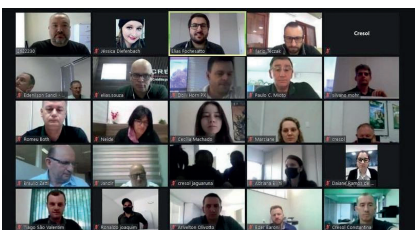
uma ótima qualidade, fazendo com que a PoliFeira seja um projeto com grande visibilidade na UFSM.

O PROJETO + COOP: CURSOS DE EXTENSÃO VOLTADOS À PRÁTICA COOPERATIVA

O Projeto +Coop iniciou em 2016; visa a promover conhecimento sobre o cooperativismo, oferecendo cursos de extensão a cooperados e demais interessados. A equipe conta, principalmente, com professores da área de gestão do Colégio Politécnico da UFSM, bem como com estudantes bolsistas. De acordo com o professor Jaime Stecca, um dos coordenadores do projeto, a pandemia de Covid-19 tornou tudo mais desafiador, por conta da dificuldade de os participantes adequarem-se ao uso das tecnologias digitais de comunicação e informação. “O grupo é diverso, composto por jovens, adultos e pessoas de terceira idade, as quais “assustavam-se” com a tecnologia e seus aparelhos”, relata o professor Jaime. Para amenizar os efeitos do isolamento social, foram realizadas rodas de conversas on-line, para propiciar maior familiaridade dos participantes com essa modalidade de ensino. O professor relatou que, apesar desse isolamento social ser desafiador, houve grande incentivo e possibilitou a inclusão digital; houve, também, o crescimento dos números de interessados nos cursos e no tema cooperativismo. Outra ação do Colégio Politécnico foi a oferta do curso Técnico em Cooperativismo, na modalidade a distância, com início em dezembro de 2021. O curso obteve uma procura recorde de quase 3000 inscritos, o que, para o professor Jaime, reflete a realidade do momento, uma vez que cursos EAD facilitam o acesso ao conhecimento de pessoas de diversas regiões do país.



Aula presencial realizada no dia 18/11/2021 com a turma Atuação Jovem, juntamente com a Sicredi Botucaraí (RS). A aula sobre a disciplina “Eu-Sociedade” foi ministrada pela professora Cláudia do Amaral e pelo professor Roni Blume. Fonte: Instagram do Projeto.



Reunião sobre a disciplina de Planejamento e Gestão, ministrada pelo professor Gustavo Rossés, realizada de maneira remota no ano de 2020. Fonte: Instagram do Projeto.

PROJETO ZELO: CUIDADO E AMOR COM OS ANIMAIS ABANDONADOS

Na pandemia, o abandono animal aumentou de forma preocupante, fato que fez com que o Projeto Zelo tomasse ainda mais significado. Coordenado pela professora Fabiana Stecca, o Zelo é uma iniciativa do gabinete do vice-reitor, em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da UFSM, e visa a conscientizar a comunidade santamariense sobre o abandono de animais, através de ações que promovam a noção de responsabilidade, educação, saúde pública, adoção responsável e cuidado com o meio ambiente. Para a professora Fabiana, coordenar um projeto dessa natureza é desafiador, mas o amor pelos animais compensa; a coordenadora relata que era de seu costume ajudar os animais que se encontravam em situações precárias na UFSM. Em 2016, começa a participar do projeto como representante de unidade e, pouco depois, em 2018, é convidada a coordenar o Projeto Zelo. “Nem tudo são flores. A universidade é um local muito grande, então, nem todos veem essa relação animal-humano como harmonia. Nem todos ajudavam os animais de forma adequada”, relata Fabiana. Outro desafio do projeto é garantir a adoção segura para todos os animais, pois, muitas vezes, gatos ferais ou cachorros de grande porte são mais difíceis de serem adotados, pois eles precisam de mais cuidados. Com a pandemia, a UFSM foi fechada, dificultando o abandono de animais no campus. Nesse período, entretanto, o abandono de animais aumentou nas estradas vicinais. Outra dificuldade relatada pela professora é que o período de pandemia foi muito difícil para os animais que moram no campus. Muitos prédios, em que os animais tinham água e comida, estavam fechados. Mesmo com um número reduzido de participantes e voluntários, o projeto conseguiu contornar esses problemas com revezamento das pessoas que levavam comida e água aos animais do campus.

Abandono de animais é crime. De 2020 a 2021, o abandono de animais cresceu



Arrecadação de fundos realizada pelo Projeto Zelo na PoliFeira. Fonte: Foto cedida por Fabiana Stecca.

acolher a todos, não há espaço suficiente, pois tudo gera um trabalho muito grande, com muitos custos; é muito difícil mantê-los apenas com a ajuda de voluntários e o apoio do Hospital Universitário. Portanto, campanhas são sempre realizadas pela equipe do Projeto Zelo. Em 2021, foi lançada a campanha #AlimenteUmFocinhoZelo, com doações em qualquer quantia pelo Pix fabiana@ufsm.br.

FÓRUM DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Diversos problemas se agravaram durante o período pandêmico, incluindo a violência contra as mulheres. Consta-se o aumento do número de denúncias e casos registrados no país desde o início da pandemia; cerca de 105.821, no ano de 2020, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Datafolha, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Isso se deve ao isolamento social, pois mulheres ficam mais reclusas e passam mais tempo com seu agressor. A professora do Colégio Politécnico Laura Cortes é parte do Projeto de Extensão “Seminário Tecendo redes no enfrentamento à violência contra as mulheres: promoção da cultura de paz e superação da violência”. Nele, é defendida a disseminação de informações e números sobre esse problema societal. De acordo com a equipe, o projeto visa a formar redes a favor da paz e superação da violência e dar voz às mulheres que relatam suas dificuldades e maiores desafios, para que a equipe pudesse encaminhá-las para órgãos responsáveis. De acordo com a Professora Laura, na cidade de Santa Maria, no entanto, as denúncias sobre violência contra a mulher não aumentaram na pandemia. Ela relata a criação do Projeto “Disque”, em abril de 2020, que visa a promover uma comunicação rápida com quem entra em contato; acredita que os números de denúncias na cidade não aumentaram por conta da dificuldade de as mulheres contatarem o projeto para falar com a equipe do projeto, que é formada por voluntárias da área de serviço social, ou seja, enfermeiras, psicólogas e advogadas que trabalhavam todos os dias da semana e que estavam atentas às denúncias. Laura relembra e cita um caso de violência que foi abraçado pelo projeto e teve um desenvolvimento e retorno positivo. O caso foi de uma mulher que estava sendo vítima de ameaças de feminicídio por seu ex-companheiro. A equipe e a Prefeitura ajudaram-na a sair da cidade, pois ela não possuía condições. Conseguiram apoio e um transporte para fora desse círculo. A mulher relata que “voltou a viver” após escapar desse círculo abusivo. A professora Laura destaca sua gratidão ao poder ajudar nesse caso. A professora relata que a sociedade atual é muito sexista e compactua com atitudes misóginas e de desigualdade de gênero. De acordo com ela, a desigualdade é uma das maiores causas dos atos de violência; o machismo é a “base” de tudo. Atualmente, há maior visibilidade e sensibilidade em relação à violência contra a mulher. No entanto, é necessário muito mais do que isso. Conclui que deveriam ser disponibilizadas mais “vagas” na sociedade, as mulheres deveriam ser colocadas no centro, que sejam atendidas suas necessidades. Por fim, destaca a mudança que deveria ocorrer na sociedade em relação à desigualdade de gênero e cultura sexista.



Entrega de moção de congratulações pela Câmara de Vereadores.

PRODUÇÃO DE ÁLCOOL EM GEL NA USINA DE ETANOL

Muitos projetos iniciaram suas atividades antes da pandemia, como é o caso da Usina de Etanol do Colégio Politécnico. De acordo com o professor e coordenador do projeto Filipe Donato, a Usina é local de produção de biocombustível. A produção ocorre graças à parceria com a Receita Federal, que apreende bebidas destiladas e envia para a Universidade. Todos os anos, são, em média, 32.000 litros de bebidas apreendidas e transformadas em combustível para abastecer os veículos oficiais da UFSM. Mas foi durante a pandemia que o projeto ganhou ainda mais visibilidade com a produção de álcool. Em março de 2020, com a pandemia, as bebidas apreendidas passaram a ser usadas para a produção de álcool em gel. Assim, na Usina, ocorre uma filtração dessas bebidas, as quais são transformadas em álcool etílico, cujo odor característico das bebidas é retirado, a fim de evitar acidentes envolvendo pessoas com problemas com o álcool. Depois dessa transformação, o álcool é encaminhado para o CEPPA (Centro de Pesquisa e Produção em Álcool).

Antes da pandemia, a produção consistia em 20 litros; hoje, produzem 400 litros de sanitizantes por batelada, ou seja, álcool 70% e álcool em gel glicerinado para assepsia das mãos. Portanto, na pandemia, a produção de sanitizantes aumentou de acordo com a demanda e necessidade do momento pandêmico. Para o professor Filipe, uma grande dificuldade, no período, foi a demora na chegada dos equipamentos e reagentes necessários, pois o prazo de entrega das empresas era longo. Atualmente, a Usina de Etanol e o CEPPA atendem demandas internas e externas com volume total de 10.900 litros de sanitizantes, que foram enviados para diversos lugares como departamentos internos da UFSM e Hospital Universitário. Outra parte da produção é encaminhada a comunidades carentes e que não possuem acesso ao álcool para o combate do vírus.



Usina de etanol.

Outro projeto de importância cultural, artística e geográfica que está ascendendo na pandemia é o EncontrArte, desenvolvido pelas alunas Luísa Furquim e Virgínia Comis do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Politécnico. As estudantes são orientadas pelos professores Valmir Viera e Márcia Gerhardt, educadores de Geografia e Artes, respectivamente. O projeto foi idealizado em 2018 e visa a mapear esculturas na UFSM e em toda a cidade de Santa Maria. Iniciou-se dentro do terreno da universidade, porém, em 2020, as esculturas de fora da instituição, nos bairros, foram mapeadas. O cadastro das obras é feito por meio de um web aplicativo (EncontrArte) que pode ser acessado em um navegador ou por meio de um QR Code. Recentemente, houve o lançamento oficial do aplicativo em uma apresentação no Teatro Treze de Maio, no período da Feira do Livro. As estudantes do terceiro ano apresentaram e apontaram todas as funções já disponíveis no layout e as que podem vir a fazer parte, contando com três idiomas diferentes para maior acessibilidade. A continuidade do projeto está nas mãos de estudantes do primeiro ano do Ensino Médio do Politécnico, já que Luíza e Virgínia são, em 2021, concluintes do curso. É um projeto, portanto, que traz cultura e informação para os usuários interessados e configura-se como um exemplo de uma produção que sobreviveu à pandemia e obteve grande destaque. Para maiores informações, basta acessar o web aplicativo EncontrArte, por meio do seguinte QR Code.



Lançamento do aplicativo EncontrArte, na Feira do Livro de 2021, no Teatro Treze de Maio. Fonte: Foto cedida por Sophia Lavall Segatto.



QR Code para acessar o aplicativo EncontrArte

Cuidados de Idosos assumiram a vacinação no campus. O professor Guilherme Emanuel Weiss Pinheiro é um dos responsáveis pelo projeto. Ele e sua equipe do Colégio Politécnico atuam dentro da UFSM na aplicação de vacinas. O professor destaca que se sente importante e agradecido ao saber que ajuda em uma causa tão nobre. Salienta também que não entende quem vai contra a ciência, uma pauta que foi muito discutida na mídia e nas instituições de ensino.



Diretora Marta sendo vacinada pelo estudante do Curso Técnico em Enfermagem Marcos Machado. Fonte: Foto cedida por Marta Von Ende.

ENCONTR'ART SANTA MARIA: PROJETO DE ENSINO DO ENSINO MÉDIO QUE VIROU EXTENSÃO

Outro projeto de importância cultural, artística e geográfica que está ascendendo na pandemia é o EncontrArte, desenvolvido pelas alunas Luísa Furquim e Virgínia Comis do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Politécnico.

Zelmielen Adornes e da Técnica em Assuntos Educacionais Andreia Vedoin, os temas acessibilidade e inclusão são pautas de reuniões, palestras, rodas de conversas e orientações aos professores. Assim, no Departamento de Ensino, foram criados projetos para atender os estudantes com deficiências. Anteriormente à pandemia, os estudantes já eram acompanhados por bolsistas da Educação Especial em sala de aula, ou seja, uma monitoria durante as aulas. Na pandemia, o trabalho se intensificou. Houve a necessidade de buscar parcerias com estudantes bolsistas de Psicologia e Terapia Ocupacional para auxiliar de maneira remota a quem necessitava. A demanda aumentou na pandemia devido ao isolamento social e os atendimentos foram realizados via Google Meet e WhatsApp. A pedagoga Zelmielen destacou a dificuldade para auxiliar muitos estudantes no meio remoto devido à falta de acesso a equipamentos tecnológicos e internet. Quando se iniciou a pandemia, a Universidade não estava preparada; porém, com o passar do tempo, foi possível atender às demandas e emprestar equipamentos eletrônicos aos estudantes do Colégio Politécnico. Andréia pontua que o sentimento inicial, foi o medo. No entanto, a dedicação e o trabalho em equipe possibilitaram que a instituição sobrevivesse ao momento e, em outubro de 2021, conseguiu realizar formatura solene,



Equipe do Departamento de Ensino, Comissão de Acessibilidade, com professor Cláudio Kelling e estudantes do Curso Técnico em Paisagismo, na disciplina de Topografia Adaptada. Fonte: Foto cedida por Márcia Costa

de forma on-line, de 16 profissionais de nível superior e mais de 100 profissionais de nível técnico. A professora Márcia destaca como grande potencial do Colégio o corpo docente comprometido para com todos os estudantes.

Com o retorno de algumas atividades presenciais, já é possível visualizar professores e estudantes em aulas no Colégio Politécnico, o que traz mais esperança em dias melhores.

60 ANOS DE UM "ESPÍRITO DE CAMARADAGEM E SOLIDARIEDADE": O ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM.

Por Leonardo da R. Botega (professor), Brenda M. Pregardier (estudante), Leon G. De Jesus (estudante)

Santa Maria, Rio Grande do Sul, 24 de janeiro de 1961. Exatamente uma semana depois, no dia 31 de janeiro, Juscelino Kubitschek, o presidente "Bossa Nova", entregaria o cargo para Jânio Quadros. Nas rádios e nos bailes, Celly Campello era o nome da vez. A sua música "Banho de Lua" empolgava os reboativos e as reboativas jovens Brasil a fora. Os mais apaixonados abriam seus corações ao som de "Esmeralda", de Carlos José. Eram os últimos dias de um período em que o Brasil sonhava ser grande.

Foi justamente nesse dia que foi fundada a Escola Agrotécnica de Santa Maria. Inicialmente, a escola funcionou a partir de um convênio entre a Secretaria Estadual de Educação e a recém fundada Universidade Federal de Santa Maria. O Convênio durou até 1968, quando a escola se tornou uma unidade da UFSM, passando a ser denominada Colégio Agrícola de Santa Maria. Quem viveu esse processo foi o professor aposentado do Departamento de História da UFRGS, Luiz Dario Teixeira Ribeiro.

O professor Luiz Dario estudou na instituição entre 1966 e 1968. Entre suas recordações, lembra que "o curso era muito bom, tanto na área científica quanto na área técnica". Lembra também que o CASM estava localizado "em um prédio ao lado da Faculdade de Agronomia e em frente ao atual Planetário, do outro lado era tudo campo". Quando ao clima entre os colegas, "o relacionamento era ótimo, embora as chacotas fossem constantes. Nos divertíamos muito e fazíamos história pelos corredores do CASM".

Professor Luiz Dario destaca que o seu grupo de estudantes estava "sempre em frente à direção, pressionando-a com reivindicações em nome dos alunos". Por conta disso, a direção "deve ter dado graças a Deus quando saímos", afirma em meio a risos o professor que naqueles primeiros anos da Ditadura Civil-Militar dava seus primeiros passos no movimento estudantil. Diferente da maior parte de seus colegas, Luiz Dario optou por não seguir no campo das Ciências Rurais. Inicialmente, tentou ingressar no Curso de Direito. Não tendo sucesso, prestou vestibular em segunda prova para o Curso de História, área ao qual dedica seus estudos até hoje.

Enquanto o professor Luiz Dario vivenciou o Colégio Agrícola de Santa Maria em sua primeira década e no início dos "Anos de Chumbo", outro ex-estudante, o jornalista e atualmente deputado federal, Paulo Pimenta viveu intensamente os anos finais daquele nebuloso período. Pimenta ingressou na instituição em 1979, aos 14 anos, e terminou o Ensino Médio em 1981, aos 16 anos. Foi no CASM que iniciou sua militância estudantil,



tendo ocupado entre 1980 e 1981 a presidência do Grêmio Estudantil.

Pimenta lembra que, embora sendo adolescentes, os colegas e ele “participavam intensamente dos atos políticos contra a ditadura militar”. Eram os anos da anistia e do projeto de abertura lenta, gradual e segura iniciado pelo governo Geisel em 1974. Tempos de retomada da democracia por uma sociedade que voltava a sonhar com um Brasil melhor. Mas não era apenas a política que atraiu o jovem Paulo Pimenta, o esporte era outra atividade que chamava bastante a sua atenção. O ex-capitão do time de futebol do CASM recorda que “existiam várias categorias de esporte e oportunidades de realizá-los, visto que dava para usufruir da estrutura da universidade como um todo”. Sobre o ensino, destaca que o CASM “era uma escola tradicional e possuía cursos técnicos de excelência”. Assim, como Luiz Dario, Pimenta também chama atenção para o fato de que existia no Colégio “um espírito de camaradagem e amizade entre os colegas sem igual”, laços de parceria “que se estendem até hoje”.

O ex-diretor do Colégio Politécnico da UFSM, Valmir Aita foi contemporâneo de Paulo Pimenta como estudante no Colégio Agrícola. Professor Aita ingressou na instituição em 1980. O principal motivo de seu ingresso, conforme o próprio professor, foi “o curso técnico, mas como este era integrado ao ensino médio facilitava a vida do aluno, pois fazia os dois cursos ao mesmo tempo e, em três anos, estava apto para prestar vestibular ou trabalhar como técnico agrícola”.

Professor Aita relata que viveu “momentos marcantes da vida junto ao ensino médio”. Destaca que, naquela época, “o ensino médio era um ‘ator coadjuvante’ do curso técnico, por vezes até diziam que não preparava para o vestibular, só servia para dar uma ‘base’ para o aluno. Em 1984, após a conclusão do curso, viu que aquela não era uma verdade. “No meu primeiro vestibular, passei sem fazer cursinho e tive a comprovação de que eu tinha feito um ótimo ensino médio, os professores que coordenavam as disciplinas do ensino médio são inesquecíveis, pois encantavam com sua didática e afetividade”. Como professor e diretor da instituição, Valmir Aita presenciou e vivenciou o Ensino Médio ter por oito anos consecutivos o melhor desempenho do Estado do Rio Grande do Sul e o terceiro melhor desempenho do Brasil no Exame Nacional de Ensino Médio, o ENEM.

Quem também foi estudante e atualmente é docente na instituição é o professor Valmir Vieira. Assim como o professor Aita, professor Vieira também destaca que, na sua época de estudante, entre 1988 e 1991, o Colégio “oferecia apenas o Ensino Médio integrado ao Técnico Agrícola”. Na época, ingressava apenas “uma turma por ano”. Com relação a perfil dos alunos, esses “eram de uma idade mais avançada que hoje, muitos vinham do interior buscar uma qualificação e retornar para aplicar os conhecimentos”. Nas suas palavras, o período em que foi aluno da instituição “foi muito gratificante e aprendi muito com os ótimos professores que tínhamos. Havia, como hoje, outras formas de desenvolvimento do conhecimento, como gincanas e atividades esportivas entre as escolas. Com o passar do tempo, novos cursos foram criados e cresceu conforme vemos hoje”.

A partir da criação dos novos cursos, destacada pelo professor Valmir Vieira, o Colégio Agrícola de Santa Maria expandiu suas áreas de atuação além dos cursos voltados ao Setor Primário. Tal processo resultou na própria mudança de seu nome para Colégio Politécnico da UFSM, em 2006. Uma mudança que sofreu resistência por parte de alguns estudantes que, ao não aceitarem o novo nome, chegaram a rasurar os cabeçalhos das avaliações colocando o nome anterior. Uma resistência que foi em vão, uma vez que a abertura para as novas áreas possibilitou uma maior integração tanto do Ensino Médio, como do próprio colégio com as outras unidades de ensino da UFSM, resultando em um salto ainda maior na já reconhecida qualidade.

Quem vivenciou essa nova época foi Felipe França, que estudou no Ensino Médio entre 2013 e 2015. Felipe afirma que o Colégio Politécnico foi extremamente importante para a sua formação intelectual. Hoje, ele é acadêmico de medicina na UFSM e acredita que a instituição colaborou para que a entrada em uma universidade pública, em um curso concorrido, fosse mais fácil, devido à qualidade do ensino público que a escola oferece. Ao mesmo tempo, destaca que “o fato de estudar em um colégio dentro da UFSM contribuiu para que desenvolvesse mais autonomia e criasse um vínculo maior com o universo acadêmico”.

Assim, como Luiz Dario, Paulo Pimenta, Valmir Aita, Valmir Vieira, Felipe também destaca os laços afetivos criados no Colégio, tanto com os colegas, como com os professores. A “ambientação familiar e emocional criada na instituição favorece e amplia o desenvolvimento intelectual dos alunos”. Felipe acredita que “estudar no Poli foi uma experiência ímpar em sua vida”, pois “saiu da instituição com maior conhecimento intelectual e emocional”, além de ter sido “presenteado com amizades que leva consigo até hoje”. O Colégio Politécnico trouxe benefícios e alegrias em diversos âmbitos de sua vida e, por isso, “é muito grato por ter feito parte da instituição”.

Recentemente, esse Ensino Médio, tão destacado pelos ex-alunos do Colégio

Politécnico, foi mais uma vez desafiado com as mudanças proposta pelo controverso Novo Ensino Médio. Conforme o professor Rodrigo Rozado Leal, atual coordenador do Ensino Médio, “os estudos para a mudança, a fim de cumprir a legislação e exigências previstas na BNCC, foram iniciados pelos professores e Departamento de Ensino da instituição em 2018, e intensamente discutidas em 2020”.

O professor Rodrigo destaca também que o Novo Ensino Médio, que entrou em vigor no Colégio Politécnico em 2021 em meio aos desafios impostos pela Pandemia da Covid 19, “não se trata de uma proposta simples e impôs um grande desafio a coordenação e docentes”. O curso anterior possuía uma matriz curricular constituída pelas disciplinas tradicionais do Ensino Médio, com a “mudança, o novo currículo divide-se em dois segmentos: a Formação Geral Básica, com as disciplinas tradicionais, e o Itinerário Integrado, em que nossa escola oferta disciplinas novas como: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Projetos Colaborativos, Conversações Contemporâneas, Pensamento Computacional, e Projetos de Vida”.

Diferente de outros cursos, também criados a partir do Novo Ensino Médio, no Colégio Politécnico, os estudantes não escolhem uma área específica para aprofundamento, já que o currículo propõe uma abordagem de todas elas no Itinerário Integrado. Segundo o professor Rodrigo, “essa foi uma escolha do grupo docente e gestor, para que os estudantes não tenham perdas ao focar em alguma área específica, especialmente porque muitos estudantes não sabem que caminho escolherão ao sair do Ensino Médio”.

Como podemos ver, passados 60 anos de sua criação, o Ensino Médio do Colégio Politécnico da UFSM não perdeu a essência. Os e as estudantes seguem sendo o principal centro de atenção daqueles que atuam no Curso. Em meio a tantos desafios, reestruturações e a pior Pandemia vivida pelo mundo desde 1918, o foco segue sendo o mesmo: a manutenção do “espírito de camaradagem e solidariedade” tão bem destacado por Luiz Dario, Paulo Pimenta, Valmir Aita, Valmir Vieira e Felipe França. Viva a Camaradagem e a Solidariedade do Colégio Politécnico da UFSM.

CARTAS AO POLI

Estudantes, egressos(as), servidores docentes ou técnico-administrativos do Colégio Politécnico da UFSM foram convidados a participar do Concurso Literário “Cartas ao Poli”. A iniciativa pretendeu motivar quem tivesse experiências com o Colégio a rememorar-las e compartilhá-las, contribuindo para que, no ano em que o Poli completa 60 anos, sua importância fosse resgatada e fortalecida. A promoção do Concurso foi do Projeto Jornal Temático, desenvolvido pelos(as) alunos(as) do Ensino Médio do Colégio Politécnico, sob coordenação das professoras Miriane Fonseca e Cláudia do Amaral. Sabemos que cada um e cada uma guardam uma relação diversa com o Politécnico, e, num momento em que a pandemia ainda nos exige a suspensão da partilha presencial de afetos, que possamos os partilhar a partir da escrita e da expressão literária. Neste espaço, estão divulgados os primeiros colocados em cada uma das categorias:

Estudantes matriculados - Vera Lucia Valmerati (Tecnólogo)

e Victória Abrantes Kristosch dos Santos (Ensino Médio)

Estudantes egressos – Lara Trevisan

Servidores ativos – Valmir Aita

Servidores aposentados – Erni José Milani

Agradecemos a participação de todos(as) e parabenizamos os(as) vencedores(as)!

Faxinal do Soturno, 30 de Outubro de 2021.

Predestinados

Caro Colégio,

Quero que saibas que nunca acreditei em destino. Sempre achei a ideia de relativizar a consequência de nossas ações um tanto quanto pretensiosa. Entretanto, se fosse necessário definir o nosso encontro em apenas uma palavra, eu escolheria destino. Não pela inevitabilidade de tal encontro, mas porque foi impossível continuar a mesma depois dele. Conhecer-te foi também me conhecer e descobrir uma paixão nova: pelo conhecimento e pela educação. Ter tido a oportunidade de aí estudar me fez entender o poder do ensino, de como ele é capaz de mudar nossa maneira de interpretar o mundo e de encarar a realidade. Se hoje almejo ser professora, é graças a ti e a todos que aí exercem esse ofício.

Além disso, não nos vemos há um bom tempo. Em meio à saudade, pergunto-me como estás. O Paulo continua a andar pelos corredores cuidando dos alunos? A Prof.^a Terezinha segue dizendo, todos os anos, que vai se aposentar? As provas da Prof.^a Miriane ainda são as mais temíveis? O Prof. Rodrigo continua a encantar os alunos com



a química? São muitas as perguntas, mas sei que, independentemente de com quem tiveres, farás o teu melhor e permanecerás cumprindo teu papel: libertar. Porque conhecimento é libertação e, dessa forma, estamos condenados a ser livres.

Por fim, quero dizer que esta carta vai muito além de um agradecimento ou uma homenagem. Ela é um registro pessoal de lembranças de alguns dos mais felizes anos de minha vida. Assim, espero que, em breve, possamos nos encontrar novamente e, juntos, construirmos novas memórias. Talvez eu não esteja mais na primeira classe da sala de aula, mas esteja em pé, na frente, transmitindo o amor que aí criei para outros jovens. Quem sabe um dia isso aconteça. Deixemos nas mãos do destino.

Com toda a minha gratidão,

Lara Trevisan - Estudante

Categoria Estudantes Egressos

Santa Maria, 31 de outubro de 2021.

Recordações entre mim e o Poli

Oi, Colégio Poli,

Muito feliz te escrevo para dizer como você tem sido importante em minha vida e também de outras pessoas.

A gente tem a mesma idade, 60 anos bem vividos, cheios de desafios e muitos projetos. Minha satisfação é grande, pois destes nossos sessenta anos, estamos juntos já há onze, numa caminhada interessante; às vezes dolorida, desafiadora, muito compensadora em novos conhecimentos e relações interpessoais de muita qualidade.

Conheci você na minha adolescência quando você era Colégio Agrícola de Santa Maria. Você foi ficando maduro e logo virou o Colégio Politécnico reunindo vários Cursos Técnicos Pós-Médio, alternativa de inclusão no mercado de trabalho para muitas pessoas, acolhendo também colegas que ainda não haviam passado no vestibular. Foram implantados cursos de graduação e também o Ensino Médio mudou para melhorar e preparar futuros acadêmicos bem centrados nos estudos e com objetivos bem claros do futuro.

Nossa relação tem um diferencial, vim para estudar aqui para ressignificar minhas atividades, por ter me aposentado da Rede Pública Estadual, na qual desenvolvi trinta e três anos a minha carreira docente.

Chegando aqui, fiquei frenética: muito laboratório, muita matemática, professoras da idade de minha filha, “VIDA” foi o que suscitou em mim. Foi então que, ao concluir o Curso Técnico em Agroindústria, já estava aprovada no vestibular para o Curso de Tecnólogo em Gestão de Cooperativas.

Agora, faltando pouco tempo para conclusão, quero te abraçar juntamente com meus colegas adolescentes, jovens, adultos, seniores, técnicos- administrativos, professores, coordenação de cursos e Equipe Diretiva, agradecida juntamente com toda Comunidade que, de uma forma ou de outra, participa do teu projeto emancipatório. Até Breve.

Vera Lucia Valmerate

Estudante do Curso Tecnólogo em Gestão de Cooperativas

Santa Maria, 26 de outubro de 2021.

Uma conversa rápida com o Poli

Querido Colégio Politécnico,

Não faz muito tempo que vivemos juntos, estamos fechando um ano de relacionamento e tenho que admitir que já vivi mais emoções ao seu lado do que no passado. Tanto os momentos bons quanto os ruins não deixam de me alegrar ao lembrar que estou amadurecendo cada vez mais com as pessoas que estão ao teu redor.

Sei que você está meio sozinho por causa da pandemia da covid-19, eu também. Anseio todos os dias para te conhecer pessoalmente, correr por suas gramas, aprender com seus ótimos profissionais e focar com amigos segredos que só você, querido colégio, vai conhecer.

Por enquanto, somente resta esperar. Vamos continuar nos vendo pela tela do computador e tarefas no Moodle, pois não podemos deixar de comemorar a vida através das aulas e do amor que contagiamos.

Enfim... estou muito feliz de falar contigo a partir desta carta, desejo que nossa relação seja boa assim durante os próximos dois anos.

Obrigada por tudo! Beijos!

Victória Abrantes Kristosch dos Santos - Estudante da 1ª série do Ensino Médio

Categoria Estudantes Matriculados

Santa Maria, 05 de novembro de 2021.

Meu Querido Amigo Politécnico,

Oi Poli, tudo bem? Como tem passado?

Depois de tanto tempo juntos, ficamos um período afastados, por isso resolvi te escrever. Senti muitas saudades da convivência diária, do teu aconchego, isso me trouxe lembranças de quando iniciamos nossa convivência, eu ainda menino cursando o técnico agrícola e você já era o bem falado CASM. Momentos marcantes aconteceram, ainda lembro da prova de seleção em que tínhamos que mostrar os calos nas mãos para provar que realmente tínhamos uma afinidade com a área agrícola e, depois, colher milho manualmente na área nova, eu já estava acostumado, mas tinha colegas que tiravam a camisa para enrolar na mão porque não aguentavam a dor, e outros que giravam a espiga até se destacar do pé, cada uma!

Foram três anos muito intensos e de grande aprendizado, veio a formatura e a despedida. Um momento de muita apreensão, foi difícil para nós dois, né?

Quis o destino que o nosso reencontro acontecesse logo, ficamos longe apenas um ano (1983), quando então como servidor pude ser mais um braço forte para te erguer e ajudar você a iluminar mais e mais pessoas...

Os anos foram passando, iniciou-se a criação de novos cursos, eu realizei o sonho de ser professor e depois vice-diretor. Imagina só, aquele menino que você talvez nem percebesse quando aluno de tão quieto que era, estava agora numa função administrativa das mais relevantes, que momento, hein? Lembra, foi ali que a troca do teu nome aconteceu. Muita tensão e sentimentos afloraram, não foi fácil para os mais “antigos” não ter mais o CASM, o Colégio Agrícola é repleto de significados. Por um lado, a razão que indicava a necessidade da mudança e, por outro, a emoção, os sentimentos que não permitiam aceitar. O tempo mostrou que a decisão foi acertada e que o CASM continua presente, pois, para além de um nome, você continua a ser a mesma instituição, comprometida com a qualidade e oferecendo oportunidades para a sociedade, e isso é o que importa.

E assim seguimos, você cada vez maior, mais cursos, mais alunos, mais servidores, a família aumentando, família sim, pois a família Poli sempre foi uma realidade! O afeto que temos, a gratidão pela oportunidade de estarmos num local tão agradável, tanto no aspecto físico como humano, faz com que se estabeleça uma relação familiar entre nós.

Depois de muito aprendizado, cheguei a diretor. Quanta emoção! Logo no primeiro ano, veio o resultado do primeiro lugar no ENEM no Estado, foi o primeiro de muitos que se seguiram... Jornalistas, repórteres, telefone tocando sem parar, um feito e tanto, tua estrela brilhou mais forte do que nunca!

Mas eu já falei demais, quero saber como está você completando sessenta anos? O momento atual é um pouco inóspito para comemorações, mas estamos felizes mesmo assim, só de lembrar tua trajetória dá uma satisfação.....aquele Colégio Agrícola da enxada agora com toda a tecnologia da Agricultura de Precisão, sem falar na diversidade de cursos que abrigam mais de dois mil alunos.

Parabéns, Poli! És muito jovem ainda, tens toda a energia necessária para continuar crescendo e melhorando a qualidade de vida das pessoas, e que “sirvam tuas façanhas de modelo a toda a terra”.

Um grande abraço!

Valmir Aita – Professor

Categoria Servidores Ativos

Amado Colégio Politécnico da UFSM!

Venho através desta carta, compartilhar informações e opiniões sobre ti.

Você sabe que nos dias atuais não é comum o uso dessa comunicação (carta), diferente de muito tempo atrás quando nos conhecemos.

Confesso que continuo apaixonado por ti, apesar de convivermos há tanto tempo. Você que até mudou de nome, mas nunca mudou sua forma de se relacionar com nossa comunidade, sempre oferecendo o que tem de melhor: ensino de qualidade.

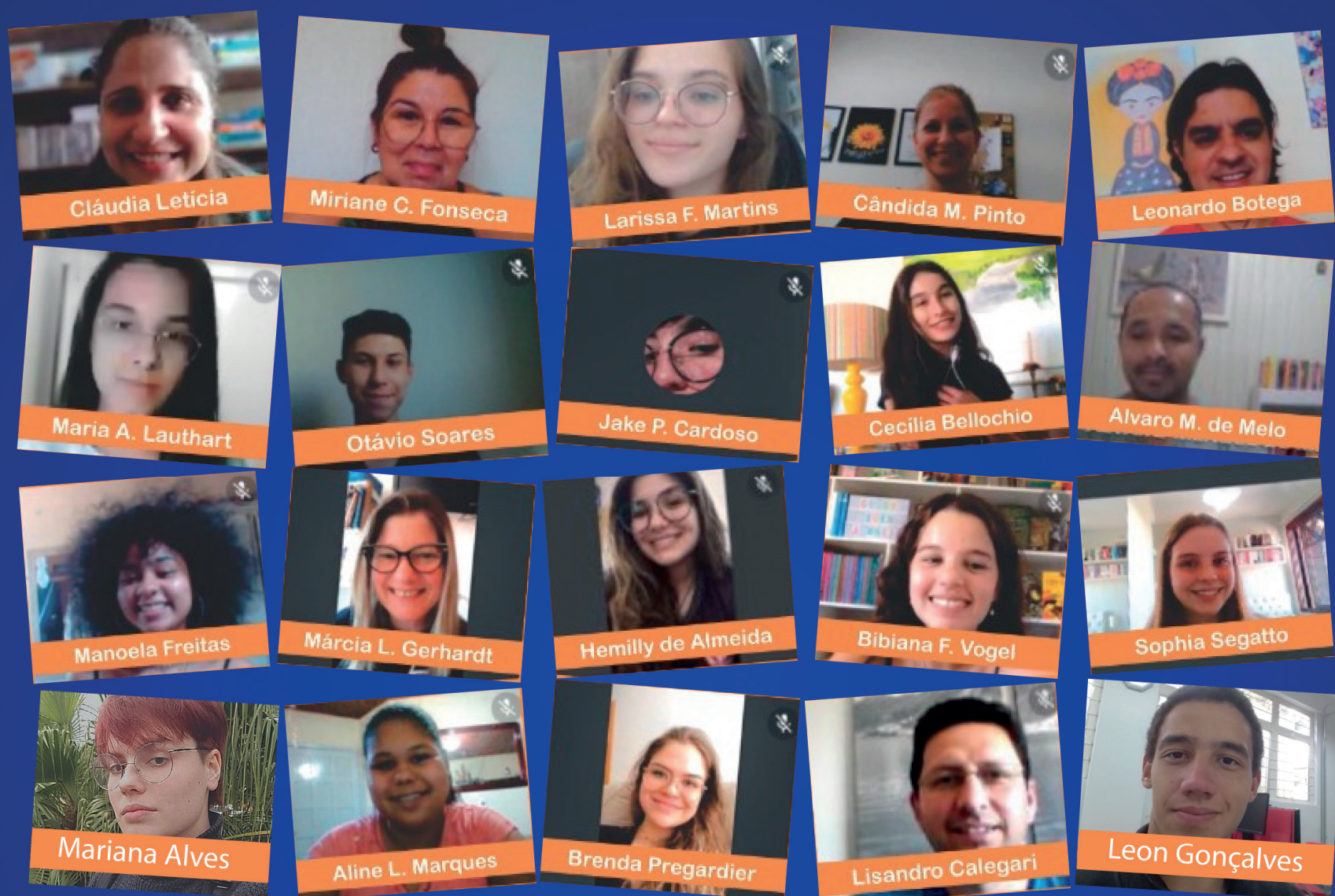
Também, já foste pequeno, quase esquecido, mas hoje é um gigante de nossa Universidade.

Preciso lhe contar os últimos acontecimentos. Os dias atuais estão muito difíceis, veio uma tal pandemia e mandou todos para casa.

A distância, e a falta do convívio diário, afetou meu coração de uma maneira muito brutal, e na ânsia de amenizar a saudade me aposentei.

Foste generoso comigo. Me deu irmãos (colegas), filhos (alunos) e até recebeu minha amada filha Marília Milani, para seguir meus passos na docência.

EQUIPE



NOSSOS CURSOS

ENSINO MÉDIO

CURSOS TÉCNICOS

Administração
Agricultura
Agropecuária
Alimentos
Contabilidade
Cuidado de Idosos
Enfermagem

Farmácia
Geoprocessamento
Informática
Meio Ambiente
Paisagismo
Secretariado
Zootecnia

GRADUAÇÃO

Geoprocessamento
Gestão de Cooperativas
Sistemas para Internet

PÓS - GRADUAÇÃO

Especialização em Geomática
Mestrado em Agricultura
de Precisão

(55) 3220 - 8059/8273
POLITECNICO.UFSM.BR

